



FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE - FACS
CURSO: PSICOLOGIA

**O CONFLITO ENTRE A MATERNIDADE E
O TRABALHO NA MULHER PÓS-MODERNA**

FERNANDA SUTOFF QUEDNAU

BRASÍLIA
JUNHO/2007

FERNANDA SUTOFF QUEDNAU

**O CONFLITO ENTRE A MATERNIDADE
E O TRABALHO NA
MULHER PÓS-MODERNA**

Monografia apresentada ao Centro
Universitário de Brasília como
requisito básico para a obtenção do
grau de Psicólogo da Faculdade de
Ciências da Saúde, sob orientação da
Doutora Carlene Maria Dias Tenório.

Brasília/DF, Junho de 2007



FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE - FACS
CURSO: PSICOLOGIA

Esta monografia foi aprovada pela comissão examinadora composta por:

A Menção Final obtida foi:

Brasília/DF, Junho de 2007

Dedico esta monografia às mulheres pós-modernas. Em especial a Carlene e as participantes das entrevistas, que contribuíram diretamente com este trabalho. Dedico também a mulher mais especial da minha vida, minha mãe, Laci.

Agradeço a

Deus, primeiramente, que me iluminou e concedeu-me forças para percorrer este longo caminho.

Meu marido, Marcelo, que incansavelmente, esteve ao meu lado, compartilhando alegrias e tristezas e me dando força para seguir em frente.

Meus amados pais, que são exemplos na minha vida. É um privilégio compartilhar minhas vitórias com vocês.

Meus irmãos pelo que há de especial e único em cada um.

Carlene, pelos ensinamentos durante o curso e pelo apoio e consideração durante todo o desenvolvimento desta monografia. E aos demais professores, que fizeram parte da minha jornada, contribuindo para meu crescimento pessoal e profissional.

Meus amigos, pela minha ausência nos encontros. E todas as pessoas, que, de alguma maneira contribuíram com palavras e gestos de apoio e incentivo.

Obrigada a todos!

Sumário

Introdução	08
1 - Pós-modernismo: conceitos e definições	10
2 - O papel da mulher ao longo da história	14
2.1. Mulheres na Antiguidade	15
2.2. Mulheres na Idade Média	15
2.3. A Mulher na Idade Moderna e Pós-Moderna	17
3 - Os conflitos da mulher pós-moderna	19
3.1. A mulher e a maternidade	20
3.2. A mulher e seu corpo	22
3.3. A mulher esposa e dona de casa	23
3.4. A mulher e a profissão	25
4 - Metodologia de pesquisa	27
4.1. Principais características e objetivos da pesquisa qualitativa	27
4.2. Objetivos da pesquisa realizada.....	28
4.3. Procedimentos Metodológicos	28
4.3.1. Escolha e descrição dos sujeitos	29
4.3.2. Coleta de dados	29
4.3.3. Análise dos dados	29
5 - Resultados da pesquisa	31
5.1. Participante 1	31
5.2. Participante 2	35
6 – Discussão dos resultados	39
Conclusão	47
Referências Bibliográficas	49
Anexo 1 – Música: Mulheres de Atenas	52
Anexo 2 – Música: Mudanças	54
Apêndice 1 – Carta de apresentação e termo de consentimento	56
Apêndice 2 – Roteiro de entrevista	57

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo principal compreender como as mulheres pós-modernas vivenciam o conflito entre maternidade e trabalho. Para isso, foi investigado através de uma metodologia qualitativa o tema proposto, com fins de obter maiores dados, enriquecendo o conhecimento e a compreensão do assunto em questão. Na revisão bibliográfica foram abordadas teorias e conceitos sobre o pós-modernismo, e sua caracterização como uma evolução e diferenciação da era moderna. Foi discutido também o papel da mulher ao longo da história, desde a antiguidade até os dias atuais, focalizando os conflitos sofridos pela mulher pós-moderna. Como procedimento metodológico, foram entrevistadas duas mulheres, que são mães e profissionais, com o objetivo de compreender as experiências vivenciadas por essas mulheres, na tentativa de conciliar a maternidade com a vida profissional. Essas entrevistas foram gravadas em áudio e posteriormente transcritas, buscando-se coletar dados para fins de discussão dos pressupostos teóricos. A análise dos dados, construídos pelo conteúdo dos relatos verbais obtidos através de entrevistas, foi feita com base no modelo de Bardin (1979) e sua discussão em conformidade com os fundamentos teóricos da pesquisa bibliográfica. Como conclusão foi constatado que a maternidade é uma função prioritária na vida dessas mulheres, ao lado da função profissional. A igualdade de importância dessas duas funções como promotoras da auto-realização feminina, faz com que a mulher na era pós-moderna, sinta-se conflituada diante da cobrança e necessidade de ser, ao mesmo tempo, mãe e profissional, desempenhando com competência esses dois papéis.

INTRODUÇÃO

A mulher sempre teve grandes dificuldades para alcançar o seu espaço dentro da sociedade. A ela cabia ser responsável pelos afazeres domésticos e pelos filhos, mas, hoje, isso não é mais assim.

Muitas foram às mudanças nas últimas décadas e essas passaram a identificar uma postura diferente da mulher diante da sociedade. O movimento feminista afetou os papéis que eram exercidos pelas mulheres antigamente. A mulher deixou de ser vista, somente como filha, esposa ou mãe. Hoje ela exerce diversas funções que antes eram consideradas masculinas. As mulheres lutaram e conseguiram mudar sua imagem diante da sociedade, mais isto, levou anos para acontecer e ainda não foi finalizada, algumas coisas precisam ser modificadas.

Em 1976 era publicado no Brasil um jornal chamado Nós Mulheres, na primeira edição, foi publicada uma matéria que comenta sobre o que a mulher buscava, e podemos observar que a luta das mulheres era por uma sociedade mais justa para todos:

“Achamos que nós mulheres devemos lutar para que possamos nos preparar, tanto quanto os homens, para enfrentar a vida. Para que tenhamos o direito à realização,. Para que ganhemos salários iguais fazendo trabalhos iguais.... Queremos que nossos companheiros reconheçam que a casa que moramos e que os filhos que temos são deles e eles devem assumir conosco as responsabilidades caseiras. Nossa luta é por torná-las sociais. Mas não é só. Nós mulheres queremos, junto com os homens, lutar por uma sociedade mais justa, onde todos possam comer, estudar, trabalhar em atividades dignas, se divertir, ter onde morar, ter o que vestir e o que calçar. E, por isso, não separamos a luta da mulher da de todos, homens e mulheres, pela sua emancipação”.

Ao mesmo tempo em que as mulheres lutavam para conquistar um maior espaço na sociedade, o mundo se transformava, aconteciam avanços na ciência e na tecnologia, e a chegada da era pós-moderna modificou o mundo.

Vivemos hoje, a era da pós-modernidade que tem como características a globalização, o capitalismo latente, o individualismo, a busca pelo prazer imediato e a tecnologia da informação. Onde a aparência tem mais valor que a essência. E os indivíduos vivem na busca de alguém que possa transformar as suas incertezas em auto-seguranças.

A mudança dos tempos traz sempre consigo a transformação dos ideais, que são o resultado das novas conquistas do ser humano. Ocorre aí o abandono de interesses antigos e a descoberta de novos interesses e necessidades. As mulheres que tanto lutaram por mais espaço na sociedade, atualmente, encontram-se em conflitos, pois estão sobrecarregadas de tarefas. Sendo obrigadas a conviver com um acúmulo de papéis.

Atualmente, o que é observado, nas grandes cidades, é que a educação dos filhos está sendo terceirizada. As mulheres estão trabalhando, muitas vezes também estudando para adquirir novas competências e conseguir manter sua empregabilidade, desta maneira o tempo para a interação familiar fica, altamente, prejudicado e aumentando também, a culpa dessa mulher pós-moderna.

A observação dessa realidade típica das grandes cidades, inspirou o tema dessa monografia que pretende compreender, através de referenciais teóricos e pesquisa qualitativa, o conflito entre a maternidade e o trabalho, que é sofrido por diversas mulheres na sociedade pós-moderna.

A revisão bibliográfica, feita no primeiro capítulo, tem como objetivo explanar sobre a era pós-moderna e sua conexão com a era moderna, a revolução industrial e o iluminismo. No segundo capítulo se pretende mostrar a história de luta da mulher na sociedade, desde a antiguidade até a era pós-moderna. O assunto do terceiro capítulo são os conflitos vivenciados pela mulher pós-moderna, tais como, a mulher e o seu corpo, a maternidade, a esposa e a dona de casa e a mulher profissional.

Para descrever e compreender os conflitos entre maternidade e trabalho vivenciados pela mulher pós-moderna, foi realizada uma pesquisa qualitativa cujos procedimentos metodológicos são descritos no quarto capítulo. A apresentação dos resultados obtidos através da análise do conteúdo dos relatos verbais dos sujeitos, é o assunto do quinto capítulo, que são discutidos com base na teoria revisada nos capítulos iniciais.

1 - PÓS-MODERNISMO: CONCEITOS E DEFINIÇÕES

Para Harvey (1998), grandes mudanças na qualidade da vida urbana ocorreram a partir de 1970, mas atribuir o nome de pós-modernidade a estas mudanças não seria correto. Para este autor, o pós-modernismo representa uma reação ao modernismo ou um certo afastamento dele.

De acordo com Tonybee (1954) *apud* Kumar (1997), a “era pós-moderna” assinala uma ruptura com a “era moderna” clássica. Em contraste com a crença no progresso e na razão típica da era moderna, a era pós-moderna caracteriza-se pelas crenças e sentimentos de irracionalidade, indeterminação e anarquia. Essas características estão ligadas ao advento da “sociedade de massa” e da “cultura de massa” em nossa época.

Vários autores, tais como: Harvey (1998), Kumar (1997), Toynbee (1954), Petrini (2003) entre outros, contribuíram teoricamente para que haja um maior conhecimento a respeito da pós-modernidade, entretanto todos salientam que a pós-modernidade é um estado de reflexão e ruptura com a modernidade. Segundo Petrini (2003):

(...) a modernidade firmou-se, no Iluminismo, como saída do homem da menoridade, como autonomia ante as Igrejas e todas aquelas tradições culturais, que constituíram, durante anos, o ponto de referência para homens e mulheres que viveram sob a influência religiosa, política e cultural (p. 26).

Para Auad, (2003) o Iluminismo teve origem no século XVII, mas se desenvolveu no século XVIII. O nome do movimento se deve ao fato de os filósofos iluministas entenderem que eles levariam “luz” e razão a uma sociedade culturalmente marcada pelas “trevas” da idade média. O objetivo iluminista era melhorar os seres humanos por meio da cultura e do conhecimento. Essa autora, ressalta que:

Os iluministas pregavam o princípio da individualidade, não como algo negativo, mas como possibilidade de perceber que todos os seres humanos deveriam ser considerados em sua própria personalidade, e não apenas como integrantes de uma coletividade. Eles também defendiam que os seres humanos são aptos a pensar por si mesmos, sem que sejam tutelados por uma religião, e aptos a agir na sociedade de modo a garantir os bens necessários para a sua sobrevivência. Isso significa que autonomia era um forte princípio do iluminismo (p. 39).

Kumar (1997) salienta que a Revolução Francesa no século XVIII, foi a primeira revolução moderna. Neste momento, o conceito de revolução foi transformado, passou a significar a criação de algo novo, algo nunca visto antes. Para ele, a era moderna era vista, como ponto culminante do desenvolvimento humano, até então oculto dos olhos dos que dela participavam.

De acordo com Petrini (2003) a modernidade é caracterizada pela participação do povo, nas tomadas de decisões na vida social, valorizando o sistema democrático e a liberdade de expressão, sendo seu objetivo proporcionar uma vida digna à condição humana, abandonando as imposições de autoridades externas e entrando na plenitude da própria subjetividade.

Não podemos falar de modernidade sem citarmos a revolução industrial, Kumar (1997) enfatiza que foi através desta revolução que a modernidade recebeu sua forma material. Isto ocorreu em parte devido à aceleração da evolução econômica, até um ponto que acabou assumindo dimensões revolucionárias. O autor salienta que o industrialismo transformou sociedades pobres e agrárias em centros concentrados de poder. A mensagem da revolução industrial era de que nos tempos modernos a única maneira de sobreviver era industrializando-se.

No que se refere ao término da modernidade, Kumar (1997) ressalta que alguns pensadores associam o fim da modernidade à sua estreita relação com o industrialismo. Já Petrini (2003) enfatiza que:

As grandes visões, elaboradas a partir do Iluminismo e carregadas de otimismo quase messiânico, que vislumbram o advento de sociedades governadas pela racionalidade, encaminhadas para um estágio cada vez mais avançado de progresso científico e técnico, de desenvolvimento social e político, esvaziaram-se e perderam definitivamente a credibilidade (p. 30).

Desde 1950, vivemos na era da pós-modernidade, diz Bauman (1999) referindo-se à transição da modernidade para a pós-modernidade e comenta que a pós-modernidade é a modernidade que atinge a maior idade.

(...) podemos agora (melhor ainda, estamos preparados para e dispostos a) ter uma visão fria e crítica da modernidade na sua totalidade, avaliar o seu desempenho, julgar a solidez e congruência da sua construção. É isso, em última análise, que representa a idéia de pós-modernidade: uma existência plenamente determinada e definida pelo fato de ser “pós”, posterior, e esmagada pela consciência dessa

condição. A pós-modernidade não significa necessariamente o fim, o descrédito ou a rejeição da modernidade. Não é mais (nem menos) que a mente moderna a examinar-se longa, atenta e sobriamente, a examinar sua condição e suas obras passadas, sem gostar muito do que vê e percebendo a necessidade de mudança (p. 288).

Jencks (1989) *apud* Kumar (1997) comenta que o pós-modernismo é em essência a eclética mistura de qualquer tradição com a do passado imediato: é tanto uma continuação do modernismo quanto sua transcendência.

Para Lemert (2000) em termos bastante simples, o pós-modernismo se refere ao estranho fato de aspectos históricos do mundo, não relacionados entre si, se acharem hoje embaralhados uns com os outros. O pós-modernismo é algo complexo de compreender. Pós-modernistas são os que acreditam que o mundo mudou de alguma maneira difícil de descrever, mas inconfundível, em que as coisas estão fora de ordem, se bem que de uma maneira dotada de sentido. “As ordens racionais da vida moderna estão no meio que rearranjadas de modos estranhos e incongruentes, que, não obstante, parecem normais apesar de sua anormalidade” (p. 42).

É preciso diferenciar o pós-modernismo da pós-modernidade, ressalta Lyon (1994). Resumidamente pode-se dizer que, pós-modernismo se refere aos novos fenômenos culturais e intelectuais e pós-modernidade, se concentra no esgotamento da modernidade e tem a ver com mudanças sociais com o surgimento de uma nova espécie de sociedade. Mas isso, não é o foco, deste trabalho. Com todas estas mudanças, a maneira de relacionar-se com o mundo foi alterada. Trocou-se a força humana pela máquina, surgindo assim à revolução tecnológica, econômica e social, contribuindo para a consolidação do capitalismo.

De acordo com Jameson (1996) *apud* Fridman (2000), pós-modernismo e “capitalismo da mídia” são sinônimos. Objetos diversos são transformados em mercadorias, (sejam estrelas de cinema, automóveis, sentimentos ou experiência política) a vida é dedicada ao consumo e os desejos são suscitados pelos meios de comunicação de massa.

Segundo este autor, a sociedade da imagem e a indispensável onipresença da mídia é o ambiente em que se processa uma nova expansão do capitalismo. Jameson (1996) *apud* Fridman (2000), ressalta que, “assim como a industrialização e a urbanização mudaram o ritmo e as feições da vida no século XIX, as linguagens midiáticas alteraram decisivamente os modos de vida atuais” (p. 70). A cultura literária, que antigamente era predominante, foi substituída pela cultura baseada na imagem: televisão, computadores, publicidade. Hoje a arte

se mistura à compra e venda de produtos, através da criação de narrativas que favorecem investimentos imaginários e libidinais dos consumidores em torno das mercadorias.

De acordo com Bauman (1998) os indivíduos, na sociedade pós-moderna, são formados e orientados a procurar o prazer e acumular sensações, gerando uma crescente procura por “mestres da experiência”, ou de produtos técnicos que possam auxiliar a realçar ou intensificar as sensações.

A era pós-moderna, gerou várias crises em vários aspectos da sociedade. Criou-se um novo perfil de sociedade, onde as mudanças tecnológicas são tão rápidas que anula nosso espírito de transcendência. É uma era de racionalidade, onde o que importa é a competição entre os homens, onde existe uma ética narcisista e onde o mercado regula nossas ações. O homem perdeu, principalmente nos grandes centros urbanos, o sentido de ser um animal social: ele não mais se socializa, ou se socializa de uma forma mínima possível (Lima, 2007).

Bauman (1998) acrescenta que a pós-modernidade é a era dos especialistas em identificar problemas, dos guias de casamento, dos restauradores da personalidade, dos autores de livros de auto-ajuda: é a era do “surto de aconselhamento”. A incerteza de estilo pós-moderno não gera a procura da religião e sim de especialistas na identidade. Os homens e mulheres pós-modernos precisam de aconselhamento, alguém que possa transformar as incertezas em auto-segurança.

Por fim, segundo Fridman (2000), estamos reaprendendo a viver. A democracia, o trabalho, a distribuição da riqueza, a intimidade, a arte, o divertimento e a vida cotidiana estão sujeitos a novas mudanças. Vive-se um tempo de ameaças e de reconstituição institucional, onde o homem pós-moderno necessita suporte para gerenciar os conflitos relacionados com mudanças desta era pós-moderna.

2 - O PAPEL DA MULHER AO LONGO DA HISTÓRIA

Segundo Auad (2003), vivemos em uma sociedade que tem sua história construída ao longo de muitos anos. Os valores que adotamos hoje têm raízes profundas nos primeiros tempos em que mulheres e homens começaram a viver em sociedade. O que consideramos ser verdadeiro ou falso, certo ou errado, bom ou mau é resultado de acordos feitos pelas pessoas à medida que as situações iam surgindo diante delas. Portanto, existem concepções sobre as mulheres que foram se modificando com o passar do tempo, mas, por outro lado, muitas idéias sobre elas, ainda permanecem como há muitos anos, e apenas “trocam de roupa”.

É possível constatar isso através das seguintes frases que nos fazem refletir sobre a maneira como a mulher é vista pelo homem em diferentes épocas e compreender a necessidade das mulheres de se organizarem em “movimentos feministas” para poderem conquistar seu espaço.

- Os homens covardes, que foram injustos durante toda a sua vida, serão provavelmente transformados em mulheres quando reencarnarem” (Platão – filósofo grego).
- A fêmea é fêmea em virtude de certa falta de qualidade. A mulher é mais vulnerável à piedade, chora com maior facilidade, é mais chegada à inveja, à lamúria e à injúria. Facilmente se deixa abater pelo desespero. È menos digna de confiança” (Aristóteles – filósofo grego).
- “A mulher é um ser acidental e falho. Seu destino é viver sob a tutela do homem” (Santo Tomás de Aquino).
- Se minha mulher me traísse, eu a mataria. Ela faz parte de minhas posses. Eu sinto que a possuo, da mesma forma que possuo meu carro, e não empresto meu carro (Al Goldstein, editor norte-americano).
- As mulheres não têm alma. São escravas superalertas cujos deveres são parir e servir aos homens (Charles Manson, assassino serial norte-americano).
- Nenhuma mulher deve ser encorajada a crer que tem interesses separados e deveres separados dos de seu marido. Deus e a natureza fundiram sua existência com a de seu marido (The Saturday Review, editorial, 1857).

Foram séculos de lutas para que hoje as mulheres pudessem votar, frequentar a universidade, participar do mercado de trabalho, decidir se querem ou quando querem gerar um filho, entre outras conquistas. Mas é importante conhecer a história que antecede essas vitórias.

2.1. Mulheres na Antiguidade

Auad (2003), ressalta que na Grécia as mulheres passavam toda a sua vida dependendo de um homem, que poderia ser seu pai, marido, filho ou tutor. Segundo a autora as mulheres, no século V, foram excluídas da vida pública e confinadas no interior das casas. A idéia de uma natureza diferente entre homens e mulheres justificou a separação de papéis e de espaços. Elas eram ensinadas a fazer os trabalhos domésticos e aprendiam superficialmente alguns cálculos, leitura e música.

Para Alvim (2007) a mulher foi historicamente entendida como uma coisa, uma propriedade e não como uma pessoa. Era definida como humilde, sensível, intuitiva, suave, receptiva e passiva e por estas razões não poderia assumir o poder.

As funções exercidas pelas mulheres atenienses eram bastante delimitadas. Elas deviam dar continuidade à família concebendo para o marido um descendente legítimo, um filho homem, que daria continuidade aos valores familiares e que cuidaria dos pais na velhice. Portanto, o casamento tinha principalmente a função de prolongar e transmitir os valores e princípios da família e do patrimônio. (Auad, 2003)

A música “Mulheres de Atenas” faz referência à sociedade ateniense e revela desejos, aspirações e a maneira como viviam estas mulheres (Anexo 1).

2.2. Mulheres na Idade Média

Auad (2003), ressalta que na idade média, as mulheres, de diferentes camadas sociais, desempenhavam importantes funções e continuavam submetidas aos homens. Portanto, não devemos confundir submissão com falta de ação. As camponesas trabalhavam no campo e as mulheres da nobreza teciam e organizavam a casa. A autora acima citada ainda acrescenta:

Existem registros históricos de mulheres senhoras de grandes domínios e de papel político de destaque, que chegaram a exercer direitos de senhor feudal. Esse tipo de situação acontecia, geralmente, quando as mulheres se tornavam viúvas ou quando os homens de sua família estavam em guerras (pp. 33-34).

Na Idade média, mesmo participando da vida econômica, a mulher ainda continuava sendo enxergada como frágil, indolente e luxuriosa. A igreja era a principal responsável por este pensamento.

Existia também uma outra forma de se encarar a mulher, quando ela era considerada um ser de posição superior, pela sua capacidade de gerar filhos e se dedicar à missão que lhe fora designada por Deus, de cuidar dos filhos e servir ao homem, confortando-o e inspirando-o em suas lutas e realizações. Essa visão sobre a mulher era propagada na idade média através do culto à Virgem Maria e do ideal cavalheirismo que transformava a mulher em musa de inspiração para alguns artistas.

Com o surgimento o fenômeno “caça às bruxas”, muitas mulheres foram executadas, acusadas de fazerem bruxarias. Segundo, Auad (2003) para cada dez mulheres um homem era morto. Significando que esta caça às bruxas foi, na verdade, ataques contra o sexo feminino. Até o século XVIII acontecia de maneira obscura a repressão e a desvalorização da mulher e de tudo que fosse feminino, apesar de ainda existir o culto à Virgem Maria.

Para Souza e Fagundes (2004), existia uma associação entre o conhecimento feminino e bruxaria. Os saberes que as mulheres acumularam por força de sua relação com os elementos da natureza, como ervas e produtos animais, em decorrência dos afazeres relacionados à alimentação da família e o cuidado com os doentes, desde a mais remota antiguidade, são, até hoje, atribuídos a poderes mágicos e rezas. Frequentemente a ciência oficial “descobre” a eficácia de uma determinada erva no tratamento de uma doença, então, e somente então, o conhecimento é legitimado, não importando por quanto tempo ela vinha sendo utilizada, com sucesso, pelas mulheres “benzedadeiras”, bruxas.

Auad (2003) ressalta que importantes filósofos iluministas, como Voltaire, Locke, Kant e Rousseau, percebiam as mulheres como pessoas dotadas de uma razão inferior ou mesmo irracionais. Rousseau *apud* Auad (2003) salienta:

(...) a mulher só deveria cultivar a razão se essa faculdade pudesse garantir que ela cumprisse seus deveres considerados “naturais”, ou seja, obedecer e ser fiel ao marido e cuidar dos filhos. Para esse importante filósofo, a mulher era incapaz de raciocinar como os homens. O raciocínio voltado para as abstrações e teorias simplesmente não cabia às mulheres. Às mulheres dizia respeito preocupar-se em satisfazer os homens, figuras centrais nas secundárias vidas femininas (pp. 40-41).

Scott (2005) salienta que Olympe de Gouges, em 1791, publicou a Declaração dos Direitos da Mulher e Cidadã, proclamando que as mulheres possuem direitos naturais como os homens. Mas os líderes revolucionários acabaram por restringir os ideais da revolução – igualdade, liberdade e fraternidade – aos homens.

2.3. A Mulher na Idade Moderna e Pós-Moderna

Auad (2003) salienta que no século XIX, o sistema capitalista se consolida. A maneira de sobreviver e de produzir bens materiais se modifica, e essa diferença na organização do trabalho se aplica em especial à mão-de-obra feminina. Com a participação no mercado de trabalho, as mulheres, juntamente com os homens, construíram uma história de luta por melhores salários e condições de trabalho.

Os anos de 1930 a 1940 representaram um período em que as reivindicações das mulheres haviam sido atendidas. De acordo com Auad (*op. cit.*), elas podiam votar e ser votadas, ingressar nas instituições escolares e participar do mercado de trabalho. Esse período é marcado pela preparação e explosão de uma nova guerra mundial. Durante essa guerra, valorizou-se muito a participação da mulher no mercado de trabalho. Pois era necessário liberar a mão-de-obra masculina para as frentes de batalha. Com o final da guerra e a volta da força de trabalho masculino, a ideologia da diferenciação dos papéis por sexo e da inferioridade feminina foi fortemente reativada. Os meios de comunicação logo se apressaram em veicular mensagens que reforçassem a idéia de que o espaço doméstico cabia à mulher, enfatizando a imagem de “rainha do lar”.

No Brasil, o feminismo, organizado como movimento, nasceu no século XX, com a luta pelo voto. Mas muito antes da década de 1920 as mulheres brasileiras já estavam engajadas nas mais diferentes lutas por melhores condições de vida para mulheres e homens. (*idem*).

Para Costa (2005) um marco do movimento feminista no Brasil é o ano de 1975. Por iniciativa da Organização das Nações Unidas (ONU), este ano foi considerado o Ano Internacional da Mulher. Apesar das dificuldades devido à ditadura militar, a essa altura alguns grupos de mulheres já estavam organizados, tentando combater a repressão política em seus bairros, fábricas e sindicatos.

Apesar dos inúmeros preconceitos de homens e mulheres em relação ao feminismo, foi este movimento que plantou a semente da emancipação da mulher pelo trabalho fora do lar, pela educação e pela participação em esferas públicas e políticas em geral. (Auad, 2003).

Segundo Fernandes (2005), essa progressiva conquista do espaço público trouxe para a mulher uma infinidade de ganhos que, como não poderia deixar de ser, exigiu seu preço. Um preço que solicita uma mudança na posição da mulher, o que certamente exige a passagem pelo luto das perdas de garantia das antigas posições.

A mudança traz consigo a transformação dos ideais, que são o resultado das novas conquistas do ser humano no saber sobre si mesmo. Ocorre aí o abandono de interesses antigos e a descoberta de novos interesses e necessidades. No entanto, para as mulheres a mudança dos tempos trouxe também uma ampliação dos ideais. Ou seja, no que diz respeito à sua inserção na cultura, as mulheres confrontam-se hoje não apenas com as transformações dos ideais, mas com um verdadeiro acúmulo deles. É importante ressaltar que muitos conflitos e algumas doenças podem surgir devido a esta relação da mulher pós-moderna com os papéis que ela exerce. (*idem*)

O mesmo autor cita como exemplo de mulher pós-moderna a Mulher Elástico, personagem do filme “Os Incríveis” da Disney. A música “Mudanças” da cantora Vanuza também retrata esta mulher do século XXI (Anexo 2).

3 - OS CONFLITOS DA MULHER PÓS-MODERNA

Era o meu sonho ter várias vidas. Numa eu seria só mãe,
em outra vida eu só escreveria, em outra eu só amava.
Clarice Lispector.

Com a revolução feminina, fruto do movimento feminista, dos métodos contraceptivos, da mulher freqüentando a universidade ou participando do mercado de trabalho, entre outras conquistas, o papel da mulher sofreu transformações, aquela dona de casa exemplar, esposa e mãe dedicada não existe mais, ou se existe, são poucas as mulheres que continuam a desempenhar exclusivamente estas funções. As mulheres foram em busca de novos papéis e de outras atividades. Só não contavam com o fato de que teriam que trabalhar em três turnos. Isto gerou e gera uma situação “estressante” e cansativa. Na realidade, por mais que tenham alguém para cuidar das tarefas domésticas, elas têm a preocupação em administrar o lar, acompanhar o crescimento dos filhos e promover uma relação agradável com o marido. Fernandes (2005), salienta que a mulher vem tentando lidar com o excesso que caracteriza as demandas do seu cotidiano, resultando daí um verdadeiro acúmulo de tarefas que exige uma elasticidade nunca antes sequer imaginada.

O papel da mulher pós-moderna não é nada fácil. Fernandes (2005) ressalta que:
(...) na busca de corresponder a amplitude dos ideais próprios de sua época, a mulher pós-moderna precisa ser não só a mulher ideal, mas precisa também ter o corpo ideal. Além de mãe dedicada, compreensiva e bem-humorada, a mulher deve conservar-se sempre jovem. Amante ardente e bem disposta, apresenta uma tal diversidade de interesses que consegue perseguir, com igual obstinação, os exercícios físicos necessários à manutenção do corpo ideal, assim como seus interesses culturais nos destinos da humanidade. A mulher pós-moderna deve ser realizada e bem sucedida profissionalmente, além de bonita, bem-cuidada e também economicamente independente (p. 04).

Devido à sobrecarga de papéis, é comum que a mulher pós-moderna tenha diversos conflitos, pois são apenas 24 horas para exercer com louvor as funções de mãe, mulher, profissional, filha, dona de casa, esposa e cidadã.

3.1. A mulher e a maternidade

Para Ardaillon (1997) a maternidade transforma o ser. Não há possibilidade de imaginar-se como antes, embora o “antes” seja lembrado para demarcar as diferenças trazidas pelo dia a dia, ou melhor, dizendo o “dia e noite”. As mulheres sentem a maternidade como uma invasão, como uma complexa vivência que perturba os modos anteriores de ser, e que também revela aspectos desconhecidos da própria personalidade. A maternidade é vista como faceta primordial da identidade da mulher.

Nas últimas décadas, a mulher emancipou-se e ganhou destaque socioeconômico, profissional e cultural, mas na grande maioria o instinto materno, a inclinação para ocupar-se de perpetuação da espécie, ainda fala mais alto que todas as suas conquistas. Em virtude deste instinto é que ainda hoje as mulheres sentem-se culpadas por ficar longe dos filhos (Tiba, 1996, p. 48).

É importante diferenciar a maternidade da capacidade reprodutiva da mulher. Procriar é um potencial biológico natural, é para a mulher, algo sublime, quando assim desejado. Arrais (2005) ressalta que, assumir a criança e tornar-se mãe é um fenômeno que se constitui culturalmente, sendo impregnado pelos ideais predominantes em diversos períodos históricos.

Chodorow (1990) apud Arrais (2005) salienta que desde a infância, as meninas treinam o papel de mãe. Elas aprendem que devem ser mães e são ensinadas e preparadas para os cuidados maternos: são vestidas com roupinhas cor-de-rosa, ganham bonecas e brincam de casinha.

A menina cresce aprendendo, que a mulher deve ser capaz de enormes sacrifícios, devendo ser sempre amável, tranqüila, compreensiva, equilibrada, acolhedora e feminina. E assim aos poucos é construído um ideal, um modelo de mãe perfeita, uma imagem romanceada da maternidade constituída sob um rígido padrão, incapaz de admitir a discussão acerca dos sentimentos ambivalentes, tão presentes nas mães (Arrais, *op.cit*).

Segundo Shaevitz (1986) de alguns anos para cá, algumas mudanças relacionadas com a maternidade aconteceram. Atualmente, a mulher pode decidir se quer ou não ter um filho e há mais opções sobre quando tê-lo. A ocasião de procriar deixou de ser apenas na casa dos 20, hoje os 30 e mesmo os princípios dos 40 são considerados períodos “sadios”.

Ao tornar-se mãe, a mulher pós-moderna, que interiorizou a maneira de “ser mãe”, entra em conflito, pois a sociedade atual, além de lhe cobrar o papel de mãe dedicada, amável e protetora, lhe cobra também excelência em diversos outros papéis, mas lembrando que o

principal papel que a mulher exerce é o materno. Para Ardaillon (1997), a sociedade define como uma “boa mãe” aquela mulher casada, que não trabalha fora e tem tempo disponível para cuidar dos filhos, ou seja, não pode ser uma profissional. Antes de qualquer coisa, ela é uma mãe.

Segundo Spindola e Santos (2003), a sensação de culpa é um sentimento que está associado ao papel de boa mãe. Esse sentimento está relacionado com a cultura e com o processo de educação e socialização do indivíduo.

Antigamente, ser mãe, era mais simples. Existia o certo e o errado, além de que a maior parte das mulheres não precisava se dividir entre o trabalho e o lar. Hoje, os valores são relativos, tudo é questionado e a mãe, para cada decisão, deve julgar as alternativas (Suplicy, 1984).

Castro (2006) ao comentar sobre a mulher-mãe-profissional da pós-modernidade salienta que:

(...) as mulheres, ao tornarem-se mães, desenvolvem aquele tão comentado predicado dos polvos. Agarramos muitas coisas ao mesmo tempo. Sofremos, é bem verdade, mas isso não nos paralisa; ao contrário, nos faz correr mais rápido. Porque sabemos que, ou damos conta do recado, ou nos passam para trás. (p. 97).

A mãe, mesmo que trabalhe fora e contribua para o sustento da família, resiste em abandonar o que fez durante tanto tempo. Mesmo com a presença do pai em casa, é ela quem continua tendo as maiores responsabilidades de controlar, educar e criar os filhos.

Catão (2001) *apud* Arrais (2005) afirma que a mulher atual, no mercado de trabalho, não deixam de ser mãe, mas nem por isso, os homens se tornaram mais pais. Recentemente alguns começaram a participar mais ativamente da educação dos filhos, no entanto, atualmente, homens e mulheres estão enfraquecidos no exercício de suas funções. As mulheres estão confusas, desejam ter independência financeira, sucesso profissional, serem boas amantes, belas, sexualmente atraentes, e continuam tendo que atender a expectativa do mito da mãe perfeita, exigência que implica em tempo e disponibilidade.

Outra responsabilidade assumida pela mãe do século XX é a de cuidar da saúde emocional dos filhos. Ela se vê, atualmente, diante de uma sobrecarga de conselhos de como educar seus filhos, ficando, assim, seu bem estar sempre em segundo plano. Em função das necessidades do filho, tudo é adiado. A consequência disto, diz Forna (1999) *apud* Arrais (2005) “é que as mães se transformaram em verdadeiros trapezistas de circo, voando sem rede

de segurança, sem poder se dar ao luxo de um único erro, sob pena de sentirem a famosa culpa materna” (p. 55).

3.2. A mulher e seu corpo

Outro aspecto que contribui para os conflitos da mulher pós-moderna é a hipervalorização da magreza e do corpo ideal, algumas vezes, não existe relação entre o corpo perfeito e a saúde, muito pelo contrário, vemos mulheres que fazem absurdos para conseguir eliminar alguns “quilinhos”.

Embora a aparência física seja um elemento fundamental na imagem da mulher em diversas épocas e culturas, a magreza nem sempre foi o ideal almejado. Muito pelo contrário. A Renascença valorizava mulheres de corpo farto, quadris grandes e abdomens avantajados. Nas décadas de 40 e 50 as estrelas de Hollywood, como Rita Hayworth, por exemplo, encarnavam o modelo das mulheres de seios fartos e corpos curvilíneos. Essa exigência de magreza parece se intensificar a partir dos anos 60 e se acentua consideravelmente nos anos 70. A imagem do corpo ideal começa a centrar-se na imagem de um corpo magro e de formas menos arredondadas (Fernandes, 2005).

Mesmo que os padrões estéticos tenham se modificado com o tempo, a luta para atingir o ideal de beleza é algo que marca a relação da mulher com seu corpo independente das épocas e culturas. (*idem*)

Segundo Alves (2006), atualmente os meios de comunicação pregam um modelo estético e de beleza do corpo "ideal", sem as ditas "imperfeições". Introduzindo assim, no pensamento coletivo a idéia de que o ser belo é ser magro e com uma aparência jovem. A sociedade começa, a partir disso, a buscar esse modelo tão valorizado, seguindo em direção à conquista do mesmo.

Ao comentar a respeito da busca pela beleza, Fernandes (2005), ressalta que:

Engajada na busca da beleza magra, do corpo fino e rígido, lança-se a mulher pós-moderna na corrida insana para não perder o bonde do seu tempo. Escrava da amplitude e diversidade dos ideais, dos quais precisa ao menos conseguir se aproximar, esta mulher, vitimada pelo excesso e pelo cansaço diante de suas incríveis atribuições, vive culpada frente à constatação da impossibilidade de ser tudo isso que se exige dela (p. 05).

A mulher sofre pressões sociais para ter seu corpo reconfigurado, ela se sacrifica com dietas, ginásticas, cirurgias plásticas e cosméticos. Esses objetos são acolhidos no rito da beleza. Estes rituais de beleza se vinculam com o mercado de consumo, restringindo o corpo a um negócio da indústria cultural, onde uma dieta aparece como uma necessidade social. (Rancière, 2001 *apud* Freitas).

Na sociedade atual, a busca pela modificação do corpo é vista como uma prática saudável, em que temos o direito de nos sentirmos belos e desejados, mesmo que para isto, seja necessária uma modificação da imagem corporal real. Montaigne *apud* Fernandes (2005), ressalta que as mulheres desprezam a dor em função da vaidade. E assim as mulheres tornam-se escravas de seus corpos e do ideal de beleza de sua época.

Além de um corpo belo e magro, a mulher pós-moderna deve ser sempre jovem, as marcas de expressões não são bem vindas em nossa sociedade atual.

De acordo Sardenberg (2002) o envelhecimento é um processo “natural”, involuntário e faz parte do ciclo vital de todos os seres vivos, mas em nossa sociedade, trata-se de algo vergonhoso que deve ser disfarçado e combatido. Este é o motivo pelo qual multiplicam-se os esforços no sentido do desenvolvimento de novas tecnologias do corpo voltadas para tal fim, ora sendo desenvolvidas na busca de meios de retardar o processo do envelhecimento.

Precisamos reconhecer que, apesar de todas as lutas feministas, nossa sociedade continua valorizando as mulheres como meras fêmeas da espécie (enquanto “reprodutoras”) ou como objetos de desejo, facilmente descartáveis. Devido a isto, as mulheres quando chegam a menopausa tem poucas razões objetivas para se sentirem realizadas, independente das realizações pessoais. As linhas que marcam a viagem no tempo, as experiências e a sabedoria, são lidas como “rugas”, marcas indesejáveis do declínio, que devem ser evitadas e/ou disfarçadas a qualquer custo (Brownmiller, 1985 *apud* Sardenberg, 2002). Isso pode ser observado em nossa sociedade em geral, mas considero interessante citar esta propaganda: “No Dia Internacional da Mulher você merece ganhar flores e não rugas.”, este foi o slogan de uma empresa de cosméticos felicitando as mulheres pelo seu dia.

3.3. A mulher esposa e dona de casa

Para o homem, a casa é o “repouso do guerreiro”. Para a mulher que trabalha fora, é o seu segundo turno, muitas vezes até mais desgastante que o primeiro, porque lhe sobra pouco tempo para dar conta de todas as tarefas que se impõe: ver se os filhos estão machucados ou doentes, se fizeram as tarefas escolares, se a casa está

arrumada, se não falta mantimentos na despensa e ainda preparar o jantar para receber o guerreiro cansado (Tiba, 2002, p36).

A Revista Veja de maio de 2006, traz diversas reportagens sobre as mulheres e a pós-modernidade, e ressalta que mesmo a mais independente e bem resolvida das mulheres ainda se vê mergulhada na burocracia do lar. Depois de um dia inteiro de trabalho, é preciso lidar com uma rotina muito parecida com a das donas-de-casa do passado: dar orientações sobre refeições ou fazê-las, lembrar que é preciso trocar a lâmpada do corredor ou marcar médico das crianças. Mesmo tendo um marido participante, esta dupla ou tripla jornada continua sendo de responsabilidade da maioria das mulheres.

Apesar de dividir as responsabilidades, são as mulheres que sofrem os maiores conflitos construídos em nossa sociedade por ter que, ao mesmo tempo, cuidar das crianças, do casamento, da família e da carreira. E importante ressaltar que ser apenas uma dona de casa, é visto como algo negativo (Strey, 1990 *apud* Strey, 1997).

Mesmo sendo independente e profissionalmente realizada, a mulher, pós-moderna, não renuncia a idéia de casar e formar uma família. Ela deseja um homem amoroso e companheiro, alguém com quem ela possa dividir as tarefas domésticas e a educação dos filhos. Ao mesmo tempo, deseja que ele tenha atitude de decidir, enfrentar e conduzir situações do dia-a-dia. Goldenberg (2000), enfatiza que:

Encontramos hoje, na cultura brasileira, uma multiplicidade de comportamentos e desejos masculinos e femininos, muitos convivendo nos mesmos indivíduos, o que gera conflitos e angústias. No caso das mulheres, algo como sonhar com príncipe e ser totalmente autônoma economicamente, ter a vidinha tranqüila de uma Amélia e toda a liberdade sexual de Leila Diniz (p. 36).

De todos os erros cometidos pelo feminismo, o mais grave foi o de não modificar a instituição do casamento. O casamento é um empecilho para que as mulheres atinjam a igualdade, de salários e ascensão profissional, e principalmente a divisão com os homens da carga de trabalho e das responsabilidades com a casa e na educação dos filhos. A infelicidade das mulheres está na obrigação de cuidar da casa e dos filhos e ainda conciliar a vida familiar com o trabalho. Este peso não é compartilhado com os homens, que não tem a obrigação de esquentar o jantar ou pôr a mesa, e se fazem isso, não o fazem por obrigação, estão apenas fazendo um favor. (Revista Veja, maio 2006).

3.4. A mulher e a profissão

Atualmente, podemos observar que as mulheres, não são mais criadas somente para contrair um bom casamento e criar filhos. Hoje as mulheres são ensinadas e preparadas para enfrentar o mercado de trabalho. Sobretudo nas classes sociais mais favorecidas (Durham, 1983 *apud* Arais, 2005), elas são criadas para serem boas profissionais e terem seu próprio sustento. Essa mudança de foco fez com que as mães não mais criassem suas filhas somente para exercerem o papel de mães.

Apesar do acolhimento da mulher como profissional, destacamos sua dificuldade na conjunção dos papéis. A emancipação feminina não significa igualar os papéis dos dois gêneros, mas persistência do papel prioritário da mulher na esfera doméstica, combinado com suas novas exigências (Lipovestsky, 2000 *apud* Grant, 2001).

Segundo Grant (*op. cit.*) “trabalhar, ser uma profissional bem sucedida é somar responsabilidades, mais do que isto é, freqüentemente, suportar uma certa medida de conflitos e culpa.” (p. 02).

Segundo Goldenderg (2000), a mulher ingressou no mercado de trabalho devido aos seguintes fatores: “a necessidade econômica; a elevação da expectativa de consumo; as mudanças econômicas e a abertura de novos empregos; o movimento feminista; a queda da fecundidade e a expansão da escolaridade, com o ingresso das mulheres nas universidades” (p. 108).

Para as mulheres de classe média, a possibilidade de ter uma vida com mais conforto e poder propiciar aos filhos e a ela mesma qualidade de vida é o que mais motiva sua inserção no mercado, não podemos esquecer do desejo de crescimento pessoal, este é outro fator importantíssimo. Segundo Castro (2006) a presença da mulher no mercado de trabalho lhe gera prazer, mais ao mesmo tempo, ela paga um custo bem alto:

Nos últimos trinta anos, fomos impelidas ao mercado de trabalho de tal forma que, hoje em dia, sequer nos permitimos questionar o quanto vale sair de casa, deixar os filhos, marido, a própria vida em troca de um emprego qualquer (p. 73).

A vida da profissional que se torna mãe assume outra conotação, pois agora ela tem mais uma grande responsabilidade. A chegada do bebê redimensiona o seu modo de viver que agora vivencia uma nova realidade. Estas mudanças interferem diretamente na vida da mulher, pois é necessário que tenha uma infra-estrutura familiar bem organizada para que sua vida também o esteja. (Spindola e Santos, 2003).

A sociedade cobra da mulher pós-moderna por ela exercer tantos papéis, primeiro cobra para que a mulher exerça estes papéis e depois cobra para que exerça todos eles com ótimo desempenho. Vezin (1982) salienta que “a mulher que trabalha sente de maneira particular todas as dificuldades que afetam sua família. Além disto, ela é freqüentemente considerada como responsável pelo mal-estar” (p. 209).

Castro (2006) ao comentar sobre os conflitos vivenciados pela mulher pós-moderna ressalta:

A sociedade nos obrigou a ir para o mercado de trabalho em busca de carreira, de dinheiro, de posição. Não discutimos, fomos! Agora, constatamos o prejuízo, dizemos aos quatro ventos que nossos filhos crescem tão rápido que mal pudemos ver. Não vimos porque não houve tempo para ver. Quanto ao tempo, ele não passa mais rápido hoje do que há um ou dois séculos, passa exatamente na mesma velocidade (p. 119).

De acordo com Goldenberg (2000), as conquistas, das mulheres, nas últimas décadas trouxeram suas conseqüências. Estas tornaram-se competitivas, mas estão submetidas a uma carga maior de estresse, devido às preocupações com as escolhas a serem feitas, como carreira profissional, sucesso, dinheiro. Além disso, para aquelas que desejam ser mães, conciliar todas estas atividades, ao mesmo tempo, gera um enorme conflito, além de, muitas vezes, sentirem-se solitárias ao enfrentarem essas novas vivências. Pode-se afirmar que essas são algumas das várias conseqüências da pós-modernidade.

Criar filhos é um desafio. Ser boa profissional, outro. Fazer as duas coisas a contento, é no mínimo motivo de muito orgulho e, bem provavelmente, o objetivo que move boa parte das mulheres do século XXI. Neste capítulo observamos diversos autores, e todos eles ressaltam que maternidade e vida profissional podem andar lado a lado, mas nunca de mãos dadas, pois, como vimos, geram enormes conflitos.

4 - METODOLOGIA DE PESQUISA

4.1. Principais características e objetivos da pesquisa qualitativa

A abordagem qualitativa de pesquisa apresenta a possibilidade de descrever a complexidade de situações hipotéticas ou de problemas, de analisar a interação entre as variáveis, de compreender e de classificar os processos dinâmicos experimentados por grupos, permite a apresentação de sugestões para mudanças, e dentre outros, a análise das particularidades dos comportamentos ou atitudes dos indivíduos (Pedro, 2001).

A pesquisa qualitativa não se preocupa em generalizar o que é encontrado nos casos estudados e não pauta seus procedimentos em dados estatísticos, ao contrário, ela está focada no individual e busca uma compreensão particular do que é pesquisado. A pesquisa qualitativa não quer explicar os fenômenos estudados e sim compreendê-los (Martins & Bicudo, 1987).

Um conceito que está relacionado à pesquisa qualitativa, é a subjetividade. Por este motivo, não é importante o tamanho da amostra e sim sua qualidade. O termo subjetividade é usado para entender os processos que caracterizam o mundo interno do sujeito, os quais constituem o objeto de estudo da metodologia qualitativa. Segundo González Rey (2005b), a subjetividade é:

(...) um sistema complexo de significações e sentidos subjetivos produzidos na vida cultural humana, e ela se define ontologicamente como diferente dos elementos sociais, biológicos, ecológicos e de qualquer outro tipo, relacionados entre si no complexo processo de seu desenvolvimento (p. 36-37).

A subjetividade individual pode se diferenciar da subjetividade social, mas ambas se integram para definir qualitativamente o sujeito e ao mesmo tempo estão em constantes momentos de tensão e contradição que atuam como força motriz do desenvolvimento em ambas as instâncias da subjetividade. A subjetividade individual é determinada socialmente, pois o indivíduo é um elemento constituinte da subjetividade social, ou seja, uma integra a outra, elas não são dicotômicas, sendo que a subjetividade individual está formada com aspectos da subjetividade social (González Rey, 2005b).

Para Chizzotti, (2000) na pesquisa qualitativa todos os fenômenos, vivenciados e observados durante a relação pesquisador–pesquisado, são valiosos: a constância das manifestações e sua ocasionalidade, a frequência, a interrupção, a fala, o silêncio. É

importante encontrar o significado manifesto. Os sujeitos, são todos dignos de estudo, são todos iguais, mas ao mesmo tempo permanecem únicos. Todos os pontos de vista são importantes: do culto ao iletrado, dos que falam e dos que se calam, dos “normais e dos anormais”. Procura-se entender as experiências vividas por cada pessoa, as representações que ela formou e os conceitos que elaborou e não busca causas e efeitos.

Dembo (*apud*, Gonzalez Rey, 2005a), ressalta que na pesquisa qualitativa a comunicação entre pesquisador e pesquisado deve ser estudada, analisada e melhorada. O pesquisador deve ser um sujeito ativo durante a pesquisa, além de participar deve produzir idéias à medida que surgem elementos no cenário da pesquisa. O sujeito da pesquisa não deve ser visto como um reservatório de respostas prontas, ele também é ativo no curso da pesquisa, não responde linearmente às perguntas que lhes são feitas, mas realiza verdadeiras construções implicadas nos diálogos nos quais se expressa. Neste sentido, a relação entre pesquisador e pesquisado é essencial, uma vez que estes são os personagens principais desta pesquisa. É preciso investir nesta relação, pois ela irá contribuir muito para a qualidade da pesquisa realizada

O clima da pesquisa é outro fator importante e deverá propiciar ao indivíduo estudado segurança, confiança e interesse para com a pesquisa. Para que isto aconteça é essencial passar informações sobre a pesquisa. Os sujeitos pesquisados deverão estar bem informados sobre o tema da pesquisa e sobre o pesquisador, isso irá despertar reflexões sobre o assunto em questão e motivação para colaborar com a pesquisa.

4.2. Objetivos da pesquisa realizada

A presente pesquisa tem como objetivo descrever e compreender o conflito entre a maternidade e o trabalho na mulher pós-moderna. Através de uma análise interpretativa do conteúdo dos relatos verbais de participantes que se propuseram descrever suas experiências e falar sobre os aspectos de sua vida relacionados ao tema em questão.

4.3. Procedimentos Metodológicos

Foram entrevistados dois participantes do sexo feminino, com idades de 32 e 36 anos, que atualmente precisam conciliar esta dupla função mãe e profissional. As entrevistas foram realizadas com base em roteiro previamente elaborado, contendo questões básicas e abertas que serviram para direcionar a busca de informações que atendessem aos objetivos da

pesquisa, com liberdade para inclusão de novas questões à medida que se fizessem necessárias.

4.3.1. Escolha e descrição dos participantes

Para fazer a escolha das participantes, a pesquisadora teve uma conversa prévia com pessoas conhecidas, que se queixavam em ter de conciliar os papéis da mulher pós-moderna. A entrevistada número 01 tem 32 anos de idade, é casada, tem dois filhos (dois meninos, três e quatro anos), está concluindo a graduação e já atua em sua área de formação. A entrevistada número 02 tem 36 anos de idade, é casada, tem dois filhos (uma menina de sete anos e um menino de oito anos), é administradora de empresas e trabalha como bancária.

4.3.2. Coleta de dados

Como instrumento de coleta e registro dos dados, utilizou-se um roteiro de entrevista semi-estruturada com perguntas abertas. A opção por este tipo de entrevista foi devido a sua flexibilidade, que permite maior riqueza de conteúdo na coleta das informações.

As entrevistas foram realizadas individualmente em locais e datas diferentes, onde esses foram escolhidos pelas participantes. O encontro aconteceu em uma sala reservada, sem interferência de outras pessoas. As entrevistas foram gravadas com o consentimento prévio dos participantes e posteriormente transcritas, com duração aproximada de uma hora a uma hora e trinta minutos.

Foi apresentada às entrevistadas, antes da coleta de dados, uma carta de apresentação e termo de consentimento, para que essas estivessem cientes dos objetivos da pesquisa e concordassem em participar da mesma, permitindo que o conteúdo de seus relatos fossem apresentados e discutidos na monografia, mediante a omissão de suas identidades.

4.3.3. Análise dos dados

Os dados coletados nas entrevistas tiveram seus conteúdos analisados de acordo com o modelo proposto por Laurence Bardin (1979), que é bastante utilizado em pesquisas qualitativas.

O trabalho começa com a organização do material: escolha de documentos a serem analisados; elaboração de questionamentos no sentido de obter informações que posteriormente seriam discutidas e elaboradas teoricamente na conclusão do trabalho.

Os documentos a serem analisados, foram às transcrições das entrevistas e de acordo com Ferreira (2000), as entrevistas transcritas constituem o corpo da pesquisa. Mas para que isso ocorra, é preciso seguir algumas regras, tais como: a *exaustividade*, utilizar a entrevista por completo, sem omissões; a *representatividade*, os participantes entrevistados devem representar o universo da pesquisa; a *homogeneidade*, os dados devem referir-se ao mesmo tema, serem obtidos por técnicas iguais e colhidos por indivíduos semelhantes; a *pertinência*, a entrevista deve ser de acordo com o que está sendo pesquisado e a *exclusividade*, um elemento não deve ser classificado em mais de uma categoria.

Após seguir essas regras, deve ser feita a “leitura flutuante”, que é uma primeira leitura, onde surgirão as primeiras hipóteses, explicação antecipada que é feita a partir do fenômeno observado, sendo apenas provisória. Surgi também o objetivo geral da pesquisa, que é acima de tudo, onde o pesquisador pretende chegar.

Após a preparação do material, começa a exploração do mesmo. Esta etapa é mais demorada e requer um grande empenho do investigador. É onde os dados brutos vão tomando forma. Portanto, escolhem-se as unidades de registro (retira do texto o que é significativo), as regras de contagem são selecionadas (enumeração dos fatores) e escolhem-se as categorias.

Com o estabelecimento das categorias já finalizado, é que ocorre o tratamento dos resultados, que é dividido em inferência e interpretação. A inferência observa-se a comunicação (o emissor, o receptor e a mensagem). A interpretação é quando o investigador passa da descrição à interpretação através de conceitos e proposições (Taylor & Bogdan, 1987 *apud* Ferreira, 2000).

Na interpretação dos dados é preciso voltar ao referencial teórico, para fazer a relação entre os dados obtidos e a fundamentação teórica. Portanto, depois de todas estas etapas colocadas em prática, nota-se que a análise de conteúdo alcança a profundidade dos fatos.

5 - RESULTADOS DA PESQUISA

(Análise de conteúdo)

5.1. Participante 1

Categoria 1. EXPERIÊNCIAS VIVIDAS EM RELAÇÃO AO TRABALHO

Definição da categoria e síntese de seus temas: essa categoria se refere às experiências vividas pelo participante em relação ao seu trabalho e engloba como temas a importância do trabalho e esse como fonte de dignidade, independência e algumas vezes como um obstáculo para desenvolver o papel materno.

Temas abordados nessa categoria:

a) O trabalho como fonte de dignidade

Verbalização:

- "... eu acho que o trabalho dignifica a mulher".

b) O trabalho como fonte de independência

Verbalizações:

- "Eu fiquei um tempinho sem trabalhar e o meu marido tinha que me dar dinheiro para tudo.... Eu acho isso desagradável. Eu sempre fui muito independente."

- "Eu iria me sentir frustrada porque eu não tenho perfil de ficar dentro de casa, não que não seja gostoso, mas eu acho que a qualidade de ser mãe está muito mais relacionada com o tipo de coisa que faz com os seus filhos do que no tempo que você passa com eles. Por mais que esse tempo seja dolorido. Eu não sei como seria a minha vida se eu passasse o dia inteiro com eles, de segunda a segunda".

c) O trabalho como fonte de qualidade de vida

Verbalização:

- "Ele é muito importante. Ele tem uma importância muito grande. ... eu acredito que a mulher hoje não tem como ficar em casa só cuidando dos filhos por mais que seja uma delícia e deixar toda a responsabilidade financeira para o marido. ... e até da, sei lá, uma qualidade de vida melhor para toda a família".

d) O trabalho como fonte de auto-realização

Verbalização:

- “Atuo na minha área de formação, sem estar graduada. Isso é um reconhecimento muito bom. ... quando eu comecei a trabalhar nessa área, é que eu vi as coisas florescerem, é uma questão da gente tomar propriedade de um dom e desenvolver este dom. Então por isso que meu lado profissional é muito importante, muito importante mesmo”.

e) A profissão como obstáculo à realização da maternidade

Verbalizações:

- “Na segunda gravidez foi um negócio feio no trabalho...eu não tinha a liberdade que eu tive na primeira gravidez pra poder sair, pra fazer exames ou ir pra consultas, eu não tive isso e teve muita cobrança pelos próprios colegas de trabalho. A coordenadora, a pessoa acima da minha chefe imediata, ela falou assim: - Eu confiei em você, eu fui dez com você, todos te apoiamos na tua primeira gravidez, todos comemoramos, tirou quatro meses de licença e agora me aparece grávida de novo. Não pensa que você vai ter a mesma regalia não. Foi horrível e ela (coordenadora) não me deixava marcar médico.... Eu estava tendo muita contração, por conta do nervoso. Lá no trabalho foi caótico. Eu lembro que a minha chefe falava comigo como se eu não estivesse grávida, ela brigava comigo, ele gritava”.

- “Às vezes, sinto vontade de abandonar o trabalho. Sinto vontade de largar a faculdade. Quando eles ficam doentes ou quando eles dizem: - Mamãe, você não vai trabalhar hoje, né? Isso é dolorido demais. O primeiro pensamento que vem quando surge algum problema com os filhos é largar o trabalho. Durante a segunda gravidez: O meu marido disse que era para eu largar o trabalho, mas eu não podia largar por causa do plano de saúde da empresa terceirizada. Querendo ou não eu tinha o meu salário, porque eu tinha que comprar outro enxoval, eu reaproveitei muita coisa do meu primeiro filho, mas mesmo assim muitas coisas precisavam ser compradas”.

- “No caso de um filho doente é muito ruim. Minha mãe se oferece para levar, para não me atrapalhar no trabalho, mas você acaba não participando e isso é muito ruim. Tem vezes que você chuta o balde e liga avisando que não vai trabalhar e espera pra ver o que vai acontecer”.

- “Hoje, na minha atual situação, eu saio de casa e eles estão dormindo, eu volto pra casa e eles já estão dormindo, porque minha jornada não acaba às 18 horas, acaba às 23 horas, depois que eu acabo a faculdade, então eles estão dormindo. E hoje, eu não estou com o meu marido, que é pior ainda, eu vejo o meu marido uma vez por mês porque ele está trabalhando em outro estado”.

Categoria 2. EXPERIÊNCIAS VIVIDAS EM RELAÇÃO À MATERNIDADE

Definição da categoria e síntese de seus temas: essa categoria se refere às vivências da participante relacionadas com a maternidade e engloba como temas o sentimento de ser mãe, a satisfação em estar grávida e alguns sacrifícios maternos.

Temas abordados nessa categoria:

a) A experiência de ser mãe

Verbalização:

- “É maravilhoso, é divino, é inexplicável. Independente se você engravidar ou não, criança é um negócio fantástico. Dia de sábado e de domingo, é o dia que eu fico exclusivamente pra eles: cinema, shopping ou então a gente fica em casa e brinca de tudo, ficamos assistindo filme juntos, daí você assiste pela milésima vez Shrek, Procurando Nemo, enfim, os filmes que eles gostam e que eu me amarro em assistir com eles. Então assim a gente se curte”.

b) A satisfação de estar grávida

Verbalização:

- “Eu já estava com dois anos de casada e eu engravidei. Eu não estava esperando muito. Não foi planejado mas foi desejado. Meu primeiro filho foi muito desejado. Eu me cuidei muito, eu fiquei apaixonada pela minha barriga, vi crescendo o coraçãozinho batendo, nossa, foi fantástico. Segunda gravidez: depois que eu soube que estava grávida eu fiquei feliz mas ao mesmo tempo eu fiquei confusa, eu tava com um bebê ainda, e eu já tinha outro bebê dentro de mim, isso foi um choque”.

c) Sacrifícios maternos

Verbalização:

- “O problema foi à amamentação e a cesariana, isso foi dolorido, foi realmente horrível. Eu não tive tempo de cuidar do peito, então a amamentação foi muito dolorida, eu amamentava saindo sangue”.

Categoria 3. ASPECTOS VIVENCIAIS GERADORES DE CONFLITO ENTRE MATERNIDADE E TRABALHO

Definição da categoria e síntese de seus temas: essa categoria aborda as características geradoras de conflitos entre maternidade e trabalho e engloba em seus temas as cobranças internas e externas em relação ao desempenho dos papéis exercidos pela participante e a culpa

por não ter aceito seu filho desde o início da gravidez, além disso, ressalta também, estratégias para conviver com estes conflitos.

Temas abordados nessa categoria:

a) Cobrança interna em relação ao desempenho de todos os papéis

Verbalização:

- “Não existe mulher maravilha que tem um laço mágico, aquela coisa toda não existe, isso é fantasia de desenho animado. Mas durante muito tempo eu me cobrei muito, por exercer todos esses papéis, e querer desempenhá-los com louvor”.

b) Cobrança externa em relação ao desempenho do papel de mãe

Verbalização:

- “por exemplo, na escola, eles não ligam para o pai cobrando a presença em uma reunião, eles ligam para mãe, pois essa é uma responsabilidade materna. A culpa é sempre da mãe. A sociedade ainda vê a mulher como a principal responsável pelo fracasso e agressividade dos filhos”.

c) Cobrança externa em relação ao desempenho do papel profissional

Verbalização:

- “A sociedade também cobra que a mulher exerça o papel de profissional mas tudo isso deve ser bem feito. A mulher também tem outros papéis, não só de ser mãe e não só de profissional, ela também é dona de casa, mulher, estudante, filha, é muito complexo e é duro. “E tem que ser excelente, isso é indiscutível”.

d) A culpa relacionada à maternidade

Verbalizações:

- “...comecei a sangrar, tive um problema sério, descolamento de placenta, fiquei uns dez dias em casa. Eu tive que ir para igreja, desesperada, pedir perdão, eu conversei com o Padre, eu falei pra ele que não estava aceitando esse meu filho, mas agora que eu estou sangrando, que eu estou perdendo ele, eu quero pedir perdão à Deus, porque eu não aceitei ele. O Padre falou: - Não é que você não aceitou a criança, você não aceitou o estado, veja bem a situação que você está, é um estado de gravidez. Ele concordou comigo toda a situação que eu passei, em relação ao trabalho, em relação a faculdade, porque ai, como é que eu voltava pra faculdade sangrando, tendo descolamento de placenta, tu está fraca em relação ao meu corpo, eu não

tinha como controlar isso, essas variáveis, então ele (o Padre) me ajudou a me fortalecer emocionalmente”.

-“É estranho, porque no meu trabalho eu tento “consertar as crianças”, e acabo “estragando os meus em casa”.

e) Estratégias para minimizar o conflito

Verbalização:

- “na realidade não tenho uma estratégia certinha. Vivo um dia de cada vez. Só sei que tento aproveitar ao máximo os momentos que tenho com meus filhos e procuro ser organizada para aproveitar melhor”.

5.2. Participante 2

Categoria 1. EXPERIÊNCIAS VIVIDAS EM RELAÇÃO AO TRABALHO

Definição da categoria e síntese de seus temas: essa categoria se refere às experiências vividas pela participante em relação ao seu trabalho e engloba como temas a importância do trabalho e esse como fonte de realização e contato com o mundo, além de expor alguns obstáculos para desenvolver o papel materno.

Temas abordados nessa categoria:

a) O trabalho como fonte de realização

Verbalização:

- “Primeiro a auto-estima, para realização. ... Trabalhar mexe comigo, eu fiquei muito tempo sem trabalhar e agora que eu entrei nessa empresa, mudei muito, eu senti uma baita diferença do tempo que eu não trabalhava pra agora, a auto-estima, de eu ajudar dentro de casa, de me sentir melhor, de estar contribuindo, do peso não ficar só em cima do meu marido”.

b) O trabalho como forma de integração com o mundo

Verbalização:

- “Hoje a gente não se preocupa mais só com os filhos, a gente tem que se preocupar com o trabalho, tem que acompanhar o marido, tem que ajudar dentro de casa, a situação de um modo geral mudou muito até economicamente pra todas as pessoas. Por inúmeras razões eu vejo que isso é importante...Você participa do mundo, porque quando você fica só dentro de casa, você não está compartilhando com o mundo”.

c) Satisfação com o trabalho

Verbalização:

- “Apesar de atualmente não estar muito satisfeita com a empresa, você vê coisas que não são justas, pessoas que são promovidas sem ter qualificação necessária, intrigas, fofocas. Mas mesmo assim, não consigo me ver mais ficando só em casa, fora do mercado”.

d) A profissão como obstáculo a realização da maternidade

Verbalizações:

- “Quando conseguimos a guarda provisória, eu resolvi que iria largar meu estágio para me dedicar a ele, até porque não tinha ninguém para me ajudar a cuidar dele. Como foi muito bem pensado e planejado, não foi difícil largar o trabalho até porque era só um estágio”.

- “Às vezes dá uma loucura e dá vontade sim de largar o trabalho. O trabalho às vezes parece um empecilho. Na hora do sufoco, de um filho doente. Parece ser um empecilho para você exercer seu papel de mãe”.

- “eu valorizo demais minha família. Mas em relação ao trabalho, na hora do sufoco, do teu chefe não entender o seu filho doente. Eu penso: - Que bom seria se eu fosse só mãe, pelo menos por uma semana voltar a ser só mãe. Você precisa se ausentar do trabalho e muitas vezes é em horário comercial. Atualmente é mais difícil, devido a minha chefe, mas mesmo assim eu priorizo minha família, mesmo com a cara fechada da chefe. No fundo ela entende, mas fica contrariada, pois gostaria que eu estivesse lá trabalhando. É ruim, mas eu priorizo minha família”.

Categoria 2. EXPERIÊNCIAS VIVIDAS EM RELAÇÃO À MATERNIDADE

Definição da categoria e síntese de seus temas: essa categoria se refere às vivências da participante relacionadas com a maternidade e engloba como temas o sentimento de ser mãe, a ansiedade em relação à maternidade e alguns sacrifícios maternos.

Temas abordados nessa categoria:

a) A experiência de ser mãe

Verbalização:

- “Como mãe eu me sinto realizada, privilegiada, por saber como é esta sensação. Sou uma mãe que tem duas experiências na vida (adoção e filho biológico), não tem diferença de amor, mas são momentos diferentes de você esperar um filho adotado e esperar um filho biológico.

Eu me sinto realizada como mãe desde o primeiro momento... Realizei um sonho meu (maternidade) “.

b) Ansiedade em relação à maternidade

Verbalização:

- “Eu tenho dois filhos, a diferença de idade é pequena, porque assim que eu adotei, eu engravidei e ele ainda era bebê. Ele tinha sete meses quando eu engravidei. Minha gravidez não foi planejada. Não esperávamos por causa da doença de meu marido. Foi um susto tremendo e difícil para aceitar, nossa situação financeira estava complicada, estávamos preparados naquele momento para ter um filho e não dois. Fora que existia um risco muito grande do bebê nascer com alguma deficiência. Foi muito difícil.”.

c) Sacrifícios maternos

Verbalizações:

- “...parto foi bastante complicado e dolorido, a gente se sacrifica, mas passa”.

- “...às vezes é preciso adiar alguns planos, eu já adiei muitas coisas por causa de meus filhos”.

Categoria 3. ASPECTOS VIVENCIAIS GERADORES DE CONFLITO ENTRE MATERNIDADE E TRABALHO

Definição da categoria e síntese de seus temas: essa categoria aborda as características geradoras de conflitos entre maternidade e trabalho e engloba em seus temas as cobranças internas e externas em relação ao desempenho dos papéis exercidos pela participante, ressaltando também, estratégias para conviver com este conflito.

Temas abordados nessa categoria:

a) Cobrança interna em relação ao desempenho de todos os papéis

Verbalização:

- “É meio complicado conciliar estes papéis. Porque a mulher precisa se virar em 10. É complicado, não é tão fácil para mulher, inclusive se sentir 100% realizada, não tem como. Você tem que dividir o seu tempo. Você ser 100% profissional, 100% mãe, 100% dona de casa, não dá. Isto é impossível. Não tem como. Não tem ninguém que de conta de ser 100% em tudo. A gente tenta equilibrar as coisas. Dá uma fugida do trabalho porque tem uma

reunião, compensa depois se tem como compensar. E assim a gente vai levando. Não é nada fácil. Eu já me cobrei muito, mas hoje percebo que não tem como ser 100%”.

b) Cobrança externa em relação ao desempenho do papel de mãe e de profissional

Verbalização:

- “cobra, no meu entendimento a sociedade cobra que a mulher seja mãe e profissional. Ela não vê com bons olhos a mulher que é só mãe. Hoje em dia ela aceita mais aquela mulher que é só profissional, do que aquela que é só mãe. E ainda cobra que você faça tudo bem feito. Você tem que dar conta de muitas coisas. Tem que dar conta da casa, do marido, do dever da escola, o tênis esta pequeno precisa comprar, tem reunião na escola e você chega atrasada no trabalho. Ainda hoje, a sociedade vê a mulher como a principal responsável pelos filhos, mesmo com os pais mais presentes”.

c) Estratégias para minimizar o conflito

Verbalização:

- “Para mim a mulher tem que saber dividir o seu tempo, às vezes é preciso adiar alguns planos. Deixar um curso, uma viagem a negócios ou uma pós-graduação... E eu acho que a mulher deve buscar um equilíbrio. A mulher precisa estar atenta se os filhos escovaram os dentes, se o cabelo esta limpo, saber o que esta acontecendo na escola, conhecer os colegas... Portanto, é preciso adiar alguns planos. Outra coisa de extrema importância é ter alguém que lhe auxilie, por exemplo eu tenho uma empregada, que é de confiança e gosta muito de meus filhos, isto é, importante, porque você vai trabalhar muito mais tranqüila. Outra estratégia que eu uso é de aproveitar o tempo que tenho com meus filhos. Aproveitar para conversar, para brincar, para estudar. Eu penso que é mais importante a qualidade do tempo que passamos juntos do que a quantidade. E outro ponto fundamental é ser organizado. Organizada com seu trabalho, com suas coisas, até para poder aproveitar o tempo livre.

6 – DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Depois da realização das entrevistas, transcrição e análise dos dados, resta discutir as informações coletas. Pretende-se, portanto, saber como as mulheres pós-modernas convivem com os conflitos gerados, a partir dos papéis que exercem, principalmente, entre a maternidade e o trabalho.

Num primeiro momento, é importante ressaltarmos as semelhanças e as diferenças, que foram citadas durante as entrevistas. Vamos observar que existem algumas diferenças, mas as semelhanças estão muito presentes no discurso destas mulheres, portanto, podemos observar como fator semelhante, o fato das duas entrevistadas acharem que o trabalho realmente é algo de extrema importância em suas vidas e que este papel da mulher profissional é algo que atualmente faz parte da mulher pós-moderna. Outra semelhança é que as duas trabalhavam antes de terem seu primeiro filho e ambas iniciavam sua vida profissional. As entrevistadas também comentam que, apesar de gostarem de seus trabalhos e de saber o quanto o trabalho é importante em suas vidas, quando algo mais sério acontece com seus filhos, inevitavelmente pensam em largar o trabalho e pensam em dedicar mais tempo aos seus filhos. As duas entrevistadas consideram a experiência de ser mãe como algo grandioso em suas vidas, como algo que veio para completar suas vidas e jamais se arrependem de terem seus filhos. Outra semelhança que podemos observar, é que os participantes exercem uma auto-cobrança ao desempenhar os papéis que hoje lhe são atribuídos, tais como: mãe, profissional, esposa, mulher, filha, enfim, os papéis exercidos pela mulher pós-moderna, mas, também relataram que hoje já não se cobram tanto, pois sabem que é impossível exercerem todos estes papéis com um desempenho excelente. As entrevistadas também relataram aspectos a respeito da cobrança que a sociedade exerce sobre a mulher, a sociedade ainda enxerga a mulher como a principal responsável pela educação dos filhos, mesmo que os pais, hoje, estejam mais participativos.

Se falarmos a respeito das diferenças, podemos salientar que a entrevistada 1, está bastante satisfeita com o seu trabalho atual, já a entrevistada 2, não está satisfeita, mas nem por isto, pensa em deixar seu trabalho. A entrevistada 1, tem dois filhos biológicos, e a entrevistada 2, tem um filho adotivo e uma filha biológica. Mas acredito que a diferença mais marcante, seja que a participante 1, teve seus dois filhos e continuou com sua vida profissional, o que não ocorre com a participante 2, que quando saiu à guarda provisória de seu primeiro filho parou de trabalhar para se dedicar à maternidade. Outra diferença

importante, é que se percebe através dos relatos da entrevistada 2 que seu marido é bastante participativo, em relação aos cuidados com os filhos, já o marido da entrevistada 1, está em outro estado, o que acaba fazendo com que ela sinta-se mais sobrecarregada em desempenhar seus papéis. A entrevistada 1, parece levar uma vida mais corrida, trabalha 8 horas por dia e depois vai para a faculdade. A entrevistada 2, parece ter mais tempo disponível para sua família, pois trabalha cinco horas e meia, terminou sua graduação e não está fazendo nenhum curso de especialização.

São mulheres diferentes, com histórias diferentes, em alguns momentos parece que estamos vendo o mesmo filme, pois passam por conflitos parecidos. Já em outros momentos parece que seguem por trilhas opostas. Mas uma coisa é certa, são mulheres pós-modernas, que lutam para conseguir exercer todos os papéis, que hoje fazem parte do seu dia-a-dia.

Conforme visto anteriormente, as teorias mostram que a mulher lutou pelo seu espaço no mercado de trabalho, indo em busca de melhores condições financeiras, novas ocupações e de crescimento pessoal.

A participante 1 descreveu que o trabalho é muito importante em sua vida e que ele dignifica a mulher e até proporciona uma qualidade de vida melhor para a família. Comentou que ficou um tempo sem trabalhar e o seu marido tinha que lhe dar dinheiro para tudo, achando isso desagradável. A participante 2 relacionou o trabalho com sua auto-estima e com realização, comentou que se sente feliz em poder contribuir com as despesas de casa e que trabalhando você está participando mais do mundo. Diz que sente uma enorme diferença comparando hoje que trabalha com o tempo em que não trabalhava.

Atualmente as crianças são criadas para enfrentar o mercado profissional no futuro, tanto os meninos como as meninas, portanto a mulher cresce decidida a conquistar seu espaço. A presença desta mulher no mercado de trabalho lhe gera prazeres e sofrimentos. De acordo com o que vimos anteriormente, as mulheres estão no mercado de trabalho e muitas vezes nem se questionam se aquela oportunidade vale a pena.

A participante 1 está realizada com seu trabalho, e coloca como se fosse um dom poder trabalhar na área que escolheu, hoje, mesmo não estando formada ela atua nessa área. Já a participante 2 comenta que atualmente não está satisfeita com a empresa que trabalha, devido a algumas políticas adotadas, mas mesmo assim não pensa em deixar de trabalhar.

Antes de serem mães, as duas entrevistadas trabalhavam, porém quando descobriu sua gravidez a participante 1, continuou com seu trabalho, era um estágio, trabalhou lá durante suas duas gestações. Já a participante 2 ao conseguir a guarda provisória de seu filho, decidiu para de trabalhar, disse que como o bebê foi muito desejado, não foi difícil deixar seu estágio.

Podemos relacionar isto com o que os autores Spindola e Santos (2003), colocam que com a chegada do bebê, a maneira de viver se modifica, surgem novas responsabilidades e prioridades.

Nos dias atuais, as pessoas, são muito cobradas em relação a sua atuação profissional. As mulheres cada vez mais atuantes no mercado de trabalho, e ao mesmo tempo querendo, realizar outros desejos, muitas vezes precisam enfrentar esta dura rotina de trabalho com sua gestação, o que pode ser muito difícil, principalmente quando não recebe o apoio dos que lhe cercam. A participante 1 relata que recebeu todo o apoio de seus colegas de trabalho, em sua primeira gestação. Já na segunda gestação, pelo fato de recentemente ter voltado de licença maternidade, as coisas aconteceram de maneira diferente “eu não tinha a liberdade que eu tive na primeira gravidez pra poder sair, pra fazer exames ou ir pra consultas, eu não tive isso e teve muita cobrança por parte dos gestores e dos colegas de trabalho... Eu tava tendo muita contração, por conta do nervoso. Lá no trabalho foi caótico”.

Conforme visto anteriormente a mulher pós-moderna, mesmo exercendo diversos papéis, tais como, profissional, esposa, mãe, filha, entre outros. Na maioria das vezes o que prevalece é o papel de mãe. Segundo Ardaillon (1997) a mulher antes de qualquer coisa, é mãe. A participante 1 comenta que às vezes sente vontade de largar seu trabalho e sua faculdade. Diz que “o primeiro pensamento que vem quando surge algum problema com os filhos é largar o trabalho.” Comenta também, que não largou o trabalho quando estava grávida de seu segundo filho, devido ao plano de saúde. A participante 2 da pesquisa, relata que algumas vezes o trabalho parece ser um empecilho para você exercer seu papel de mãe, e às vezes pensa sim em deixar seu trabalho, principalmente quando um filho está doente.

A revista crescer, maio de 2007, traz uma reportagem sobre as mães do século XXI, nesta matéria é colocado que “na hora de fazer um ranking de prioridade de seus papéis, certamente o de mãe nem entra na disputa. Ele sempre estará em primeiro lugar e ninguém discute isto” (p. 39).

Desde pequena a menina já cresce treinando o papel de mãe, brincando de boneca e de casinha, e isto, com o passar do tempo, torna-se um sonho a ser realizado, mesmo hoje, na era pós-moderna, onde as mulheres exercem diversos papéis, mas ouvem-se vários discursos, onde elas comentam que somente após a maternidade é que se sentiram completas.

A participante 1 comenta que ser mãe é algo maravilhoso, divino e inexplicável. Procura se dedicar inteiramente aos seus filhos nos finais de semana, assistindo filmes, indo ao shopping, brincando. A participante 2, que teve a experiência da adoção e de gerar um

filho, comenta que sente-se privilegiada por ter tido estas duas experiências e sente-se realizada como mãe. A maternidade fez com que tornasse um sonho realidade.

A mulher quando está grávida, na maioria das vezes, torna-se mais sensível e o apoio do companheiro, familiares e amigos é de extrema importância. Mesmo com todo este amparo a sensibilidade da mulher aumenta, tornando-a algumas vezes mais inseguras, portanto passar por estes momentos sem receber apoio é algo muito difícil.

As duas participantes tiveram dois filhos, logo após o primeiro já estavam grávidas do segundo. Observa-se através dos relatos da participante 1, que seu primeiro filho foi muito desejado e que ela recebeu o apoio da família e dos amigos, já na segunda gravidez, foi um choque, coloca que ficou feliz, mas ao mesmo tempo confusa. A participante 2, relata que adotou seu primeiro filho, este sim foi muito amado e desejado, já com o seu segundo filho, as coisas não aconteceram da mesma maneira. “Minha gravidez não foi planejada... Foi um susto tremendo e difícil para aceitar, nossa situação financeira estava complicada, estávamos preparados, naquele momento para ter um filho e não dois... existia um risco muito grande do bebê, nascer com alguma deficiência”.

Conforme citado anteriormente, a menina cresce aprendendo que a mulher deve ser capaz de fazer enormes sacrifícios para ser considerada uma boa mãe. A participante 1 salienta que passou por uma gestação difícil, um parto dolorido e “amamentava saindo sangue”. A participante 2 relata que também teve um parto complicado e já adiou muitas coisas em função de seus filhos.

Ao tornarem-se mães, principalmente “mães de primeira viagem”, as mulheres exercem uma auto-cobrança muito grande, pois é uma enorme responsabilidade criar um filho. Na revista Crescer de maio de 2007, Márcio Vassallo comenta que:

“a maternidade traz muitas angústias para a mulher. A maior delas é a de ter de ser a melhor mãe do mundo. O que não é possível. Em consequência, vem o sentimento de culpa. Nem todas as mulheres aprendem a lidar bem com tudo isso.” (p. 39).

A participante 1 coloca que hoje, percebe que não existe mulher maravilha, que tem um laço mágico, aquela coisa não existe, isso é fantasia de desenho animado. Mas ressalta que durante muito tempo se cobrou muito, por exercer todos esses papéis, e querer desempenhá-los com louvor.

A participante número 2 relata que já se cobrou muito, mas hoje percebe que não tem como ser 100%. “É meio complicado conciliar estes papéis. Porque a mulher precisa se virar em 10. É complicado, não é tão fácil para mulher, inclusive se sentir 100% realizada, não tem como. Você tem que dividir o seu tempo. Você ser 100% profissional, 100% mãe, 100% dona

de casa, não dá. Isto é impossível. Não tem como. Não tem ninguém que de conta de ser 100% em tudo. A gente tenta equilibrar as coisas”.

Todas as teorias que fundamentam esta pesquisa, mostram que os conflitos vivenciados pela mulher pós-moderna, está intimamente relacionado com a cobrança que a sociedade exerce nesta mulher. Como já vimos anteriormente, mesmo à mulher trabalhando fora de casa, ela continua sendo a principal responsável pela casa e pela educação dos filhos. A sociedade cobra que a mulher exerça vários papéis e que tenha um ótimo desempenho ao desempenhá-los. Segundo Vezin (1982), a mulher também é considerada responsável pelo mal-estar de seus filhos.

A participante 1 salienta que “a culpa é sempre da mãe. A sociedade ainda vê a mulher como a principal responsável pelo fracasso, agressividade dos filhos. A sociedade também cobra que a mulher exerça o papel de profissional, mas tudo isso deve ser bem feito. A mulher também tem outros papéis, não só de ser mãe e não só de profissional, ela também é dona de casa, mulher, estudante, filha, é muito complexo e é duro”.

As percepções da participante 2, são bastante parecidas com a participante 1. “no meu entendimento a sociedade cobra que a mulher seja mãe e profissional. Ela não vê com bons olhos a mulher que é só mãe... você tem que dar conta de muitas coisas. Tem que dar conta da casa, do marido, do dever da escola, o tênis esta pequeno precisa comprar, tem reunião na escola e você chega atrasada no trabalho. Ainda hoje, a sociedade vê a mulher como a principal responsável pelos filhos, mesmo com os pais mais presentes”.

Segundo Zagury (1997) a mãe que trabalha fora é uma das maiores vítimas da culpa. Embora comentamos que a sociedade evoluiu e liberou a mulher, nem tudo é sempre assim, na verdade isso só ocorreu em parte. Realmente, hoje são poucos os que criticam uma mulher por trabalhar fora; pelo contrário, da até certo *status* ter uma profissão, ganhar seu sustento. Mas, ainda hoje, não surgiram, medidas concretas para dar á mulher uma infra-estrutura que lhe permita ao chegar em casa e evitar a famosa “segunda jornada de trabalho”. Então ocorre é que mãe acaba se responsabilizando pelos cuidados com a casa e a atenção dos filhos, pois estes estão saudosos, já que os pais passaram o dia inteiro fora de casa. Não porque os pais não liguem. É que é uma coisa cultural. Os pais não se sentem culpados por terem ido trabalhar, porque sempre foram os homens responsáveis pelo sustento familiar. A mulher não. Nem a sociedade e nem ela mesma consegue se ver assim. Então o mais comum é ela chegar em casa, arrumar as mochilas das crianças, preparar o jantar, dar banho, arrumar as roupas do dia seguinte, enfim, dando continuidade a mais uma jornada de trabalho.

De acordo com Brugnara (1995), a religião faz parte da cultura do povo. Cada cultura desenvolve e transmite manifestações religiosas de acordo com o seu ambiente. Todos os povos e culturas tiveram e têm manifestações religiosas. Através disto pode-se concluir, que a religião, tem um peso que deve ser levado em conta em nossas decisões. Portanto influencia em nossos comportamentos.

Já citamos anteriormente que a sociedade exerce em relação aos conflitos da mulher pós-moderna, agora foi citado que a religião tem peso em nossas decisões. A participante 1, coloca que teve problemas em sua segunda gestação e foi para a Igreja, desesperada, pedir perdão, pois não estava aceitando seu filho e como estava preste a perdê-lo, e queria pedir perdão a Deus, por não ter aceitado este filho. “O Padre falou: - Não é que você não aceitou a criança, você não aceitou o estado, veja bem a situação que você está, é um estado de gravidez. Ele concordou comigo toda a situação que eu passei, em relação ao trabalho, em relação à faculdade, porque, como é que eu voltaria para a faculdade sangrando, tendo descolamento de placenta, estou fraca em relação ao meu corpo, eu não tinha como controlar isso, essas variáveis, então ele (o Padre) me ajudou a me fortalecer emocionalmente”.

São muitas as dificuldades a serem conciliadas pelas mulheres pós-modernas, conforme citamos anteriormente, colocar todas estas atividades em harmonia gera um enorme conflito e muitas vezes, as mulheres, enfrentam sozinhas estes dilemas, tendo que decidir o que deverá priorizar em determinados momentos. Segundo Grant (2001), trabalhar e ser uma mulher bem-sucedida, na maioria das vezes é de que lidar com muitos conflitos e culpas. Esta é a mulher, mãe e profissional pós-moderna.

A participante 1 salientou que existem muitas dificuldades, principalmente quando um filho está doente, “minha mãe se oferece para levar ao médico, para não me atrapalhar no trabalho, mas, assim você acaba não participando e isso é muito ruim. Tem vezes que você chuta o balde e liga avisando que não vai trabalhar e espera pra ver o que vai acontecer”. Relata que hoje, consegue fazer isto, pois quando trabalhava na empresa anterior, deixava os filhos com a sua mãe e ia trabalhar e ficava muito angustiada, por fazer isso. A participante 2 relatou que valoriza muito sua família. E muitas vezes pensa que seria ótimo se pudesse ser somente mãe, pelo menos por uma semana, principalmente quando um de seus filhos está doente, às vezes a chefe não entende, mas mesmo assim prioriza sua família.

Muitas vezes, a mulher precisa se dedicar tanto ao seu trabalho, que é preciso deixar outras atividades em segundo plano. São esses momentos que geram os maiores conflitos e culpas. A participante 1 relata “é estranho, porque no meu trabalho eu tento consertar as crianças, e acabo estragando os meus em casa. Hoje, na minha atual situação, eu saio de casa

e eles estão dormindo, eu volto pra casa e eles já estão dormindo, porque minha jornada não acaba às 18 horas, acaba às 23 horas, depois que eu acabo a faculdade, então eles estão dormindo. E hoje, eu não estou com o meu marido, que é pior ainda, eu vejo o meu marido uma vez por mês porque ele está trabalhando em outro estado”.

Quantidade ou qualidade de tempo? Para Castro (2006), as duas coisas, isto porque ambas perdem o sentido quando se isolam. Não é possível ser mãe de primeira se não há um tempo dedicado à maternidade. Mas hoje, o discurso das mulheres é um pouco diferente, por não conseguirem dedicar tanto tempo como acham que deveriam, colocam como prioridade a qualidade deste tempo.

A participante 1 ressalta que iria sentir-se frustrada se não trabalhasse, pois acredita que não tem perfil para ser somente dona de casa... “Não que não seja gostoso, mas eu acho que a qualidade de ser mãe está muito mais relacionada com o tipo de coisa que faz com os seus filhos do que no tempo que você passa com eles”. Comenta que não sabe como seria a sua vida se passasse o dia inteiro com seus filhos. A participante 2 pensa da mesma maneira, comenta que “é mais importante à qualidade do tempo que passamos juntos do que a quantidade”.

Castro (2006), ressalta que a maternidade é ensaiada dia-a-dia. O tempo do coração não se conquista rapidamente, mas com cumplicidade, experimentação, parceria e muitas horas de entrega de um para o outro. Certamente a melhor opção é a união de qualidade e quantidade.

No livro mamãe vai trabalhar e volta já, a autora Inês de Castro (2006) aborda o conflito maternidade e trabalho com muita sabedoria e sugere diversas dicas para as mulheres conciliarem estes dilemas, seguem algumas dicas:

- Sinta-se inteira. Não esteja aqui querendo estar ali. Não vá para o trabalho lamentando-se por deixar seu filho na escola, com a avó ou com a babá. Estar inteira em cada atividade que você desenvolve é a única garantia de dar mais qualidade ao seu tempo, mantendo a culpa longe de sua vida;
- Brinque com as crianças. Encontre um ponto em comum, alguma coisa que agrade a você e a eles. Entregue-se ao divertimento, nem que ele dure só 20 minutos. Relaxar e aproveitar é uma forma de manter a culpa longe de sua vida;
- Perder momentos importantes da vida dos filhos, gera, além de muita culpa, um profundo sentimento de frustração. Só que isto é inevitável ao longo da vida e não é o fim do mundo. Ter consciência disso e vivenciar a perda, acredite, vai fazê-la uma mãe melhor;

- Pessoas centralizadoras têm dificuldade de repartir funções porque acham que ninguém consegue dar conta do recado como elas. Com isso, ficam sobrecarregadas e sofrem por não dispor de tempo suficiente. Portanto, quando for possível, delegue.
- Não cobre obrigações do pai de seu filho, cobre sobretudo solidariedade. A partir do dia em que vocês saírem da maternidade até o dia em que o filho de vocês sair de casa, solidariedade e companheirismo são o melhor que ele pode dar a você. O restante é consequência.

Existem centenas de livros e revistas, que auxiliam as mães a conciliarem estes papéis, mas com certeza, cada mulher sabe o que pode ou não utilizar com sua família. Portanto, a participante 1 relatou que “na realidade não tenho uma estratégia certinha. Vivo um dia de cada vez. Só sei que tento aproveitar ao máximo os momentos que tenho com meus filhos e procuro ser organizada para aproveitar melhor”. A participante 2 salientou que para conviver com este conflito “é preciso adiar alguns planos. Deixar para depois um curso, uma viagem a negócios ou uma pós-graduação... outra coisa de extrema importância é ter alguém que lhe auxilie, por exemplo eu tenho uma empregada, que é de confiança e gosta muito de meus filhos, isto é, importante, porque eu vou trabalhar muito mais tranqüila. Outra estratégia que eu uso é de aproveitar o tempo que tenho com meus filhos. Aproveitar para conversar, para brincar, para estudar... outro ponto fundamental é a organização. Ser organizada com seu trabalho, com suas coisas, até para poder aproveitar o tempo livre”.

É importante salientar que o estas mulheres vivem conflitos, não apenas por desempenharem os papéis de mãe e de profissional. Mas por exercerem diversos outros papéis, juntamente com estes, e também por continuarem achando que são as principais responsáveis pelos filhos e pelas atividades domésticas, sem dividir as responsabilidades com seus companheiros. Ressalto que o presente estudo não foi suficiente para investigar a fundo os conflitos vivenciados por estas mulheres. Portanto, essas descrições foram apenas hipóteses criadas pela autora da presente monografia.

CONCLUSÃO

Ao término deste trabalho, verifica-se que atualmente, vivemos na era pós-moderna, onde os indivíduos estão conectados com o mundo através da internet e tudo acontece muito rápido. As pessoas têm suas agendas lotadas de compromissos. A reflexão, ter um tempo para não fazer nada, não existe, é perder tempo. E tempo é dinheiro. O homem está constantemente buscando o prazer. E esta busca, está associada com o consumismo, com o ter, e não com o ser. As pessoas estão mais distantes umas das outras, não há mais tempo para, alguns valores antigos, como conversar com os vizinhos, visitar os amigos e parentes. Mas a era pós-moderna, também tem seu lado positivo. A tecnologia trouxe avanços, como na medicina ou na genética. As diferenças são mais aceitas. Diferenças de raça, gênero, sexualidade. “Ser diferente é normal”. O mundo virtual proporciona um encurtamento de distância, aprendemos coisas novas, conhecemos lugares diversos, apenas com um *clic*. Enfim, a era pós-moderna é difícil de ser definida, mas todos sentimos a sua presença.

As mulheres lutaram muito para conseguir um espaço maior na sociedade, através de movimentos feministas, reivindicaram uma vida mais autêntica, com mais direitos, com menos desvalorização do sexo feminino. Muitas coisas foram alcançadas, outras ainda precisam ser modificadas. Mas percebe-se que, mesmo ocupando novos espaços, a mulher não deixou de ser responsável por antigos papéis. O que ocasionou em um acúmulo de tarefas.

Atualmente, as mulheres desempenham vários papéis, são mulheres, esposas, mães, filhas, profissionais, cidadãs. Existe uma multiplicidade de papéis. Devido a esta sobrecarga de funções, a mulher vem tentando descobrir caminhos e alternativas para conseguir conciliar tudo isso.

A cobrança exercida pela sociedade, e pelas próprias mulheres, é o que faz com que seja ainda mais difícil vivenciar estes papéis. Ser ótima mãe, excelente profissional, esposa carinhosa e dedicada e ainda por cima, estar sempre linda, com o corpo malhado e uma pele de pêssego é a meta da mulher pós-moderna. Parece comercial de margarina, mas muitas mulheres entram em conflito, pois querem ser este personagem.

A maneira de criar os filhos mudou. Segundo Maldonado (2002) há algumas décadas, a tarefa de criar filhos era mais simples, devido à existência de regras inquestionáveis: “criança não dá palpite”, “criança tem que obedecer aos mais velhos”, “é preciso respeitar pai e mãe”. Existia uma espécie de código para a educação. Depois, que a maneira tradicional de educar os filhos foi questionada, os pais, hoje, estão expostos a uma série de informações, que

muitas vezes, tornam-se obscuras, confusas e até contraditórias. Deixando pais e mães, sem saber como agir. Tornando ainda mais difícil, o papel da mulher pós-moderna.

Os resultados das pesquisas mostram que para as participantes, existem sim conflito entre a maternidade e o trabalho, mas o conflito vivenciado pela mulher pós-moderna não se restringe à dificuldade de conciliar as funções de mãe e profissional, ele engloba outras funções e necessidades, também importantes para sua auto-realização, que se chocam e se acumulam, gerando ansiedade e insatisfação, na medida em que suas limitações de tempo e de condições bio-psico-sociais impedem a realização, à contento, dos mesmos. Lembrando, é claro, que a maternidade é algo prioritário na vida destas mulheres entrevistadas. E mesmo, às vezes não estando satisfeitas com seus trabalhos, essas mulheres, não se imaginam fora do mercado de trabalho, pois ressaltam que além dos benefícios financeiros, estar trabalhando faz muito bem para auto-estima.

A pesquisa também nos mostra que as mulheres consideram o trabalho importante, sentem-se mais dignas e independentes quando atuam profissionalmente. Ressalta também que a experiência de ser mãe é algo inigualável e que existem muitos conflitos que estão relacionados aos papéis que a mulher pós-moderna exerce, as cobranças internas e externas contribuem para a existência destes conflitos. Mas a mulher busca alternativas procurando viver em harmonia com seus papéis.

A mulher há muitos anos, vem lutando por direitos iguais. Depois, quis se libertar dos paradigmas e preconceitos masculinos. A luta foi tão longa e difícil que se estende até os dias atuais. Mas parece que, após tantas conquistas, as mulheres que seguiram por essa trajetória perceberam que ficaram tempo demais fora de casa e longe dos filhos. É hora de recuperar antigos hábitos femininos sem perder o espaço que foi conquistado.

Penso que mudanças virão e são extremamente necessárias, mas saber o que o futuro nos reserva, em relação aos conflitos e aos papéis exercidos pelas mulheres, é algo que só o tempo poderá informar. Talvez, possamos nos deparar com uma sociedade mais humana, voltada para o ser e não para o ter, onde as pessoas possam se relacionar mais profundamente e satisfatoriamente com o outro e o tempo seja aproveitado de maneira menos ansiosa. Ou talvez, poderá aumentar as expectativas sociais fazendo com que as mulheres tenham mais acúmulo de trabalho e funções se sentindo mais culpada e ansiosa. Enfim, só nos resta aguardar.

5 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVIM, Filipa. *Mulheres (In)Visíveis*. Relatório da Campanha Acabar com a Violência Sobre as Mulheres. 2007. Disponível em: http://www.amnistia-internacional.pt/dmdocuments/Relatorio_das_Mulheres.pdf. Acesso em: 01 maio 2007.
- ARRAIS, Alessandra Da Rocha. *As configurações subjetivas da depressão pós-parto: para além da padronização patologizante*. 2005. Dissertação de Doutorado de Psicologia Clínica, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, 2005.
- ARDAILLON, Danielle. *O salário da liberdade*. São Paulo: Annablume, 1997.
- AUAD, Daniela. *Feminismo: que história é essa?* Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1979
- BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e ambivalência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- CASTRO, Inês de. *Mamãe vai trabalhar e volta já*. São Paulo: Original, 2006
- CHIZZOTTI, Antonio. *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- COSTA, Ana Alice Alcântara. *O movimento feminista no Brasil: dinâmicas de uma intervenção política*. 2005. Disponível em: <http://www.unb.br/ih/his/gefem/labrys7/liberdade/anaalice.htm>. Acesso em: 01 mai. 2007.
- FERNANDES, Maria Helena. *A mulher-elástico*. 2005. Disponível em: http://www.estadosgerais.org/encontro/IV/PT/trabalhos/Maria_Helena_Fernandes.pdf. Acesso em: 08 abr. 2007.

FERREIRA, B. W. *Análise de conteúdo*. Aletheia, 1, 13-20, 2000

FRIDMAN, Luis Carlos. *Vertigens pós-modernas: configurações institucionais contemporâneas*. Rio de Janeiro: Relume Dumara, 2000.

GOLDENBERG, M. (2000): *Os novos desejos: das academias de musculação às agências de encontros*. Rio de Janeiro: editora Record.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. *Pesquisa qualitativa e subjetividade. Os processos de construção da informação*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning. 2005.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. *Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning. 2005.

GRANT, Walkiria Helena. *A maternidade, o trabalho e a mulher*. LEPSI IP/FE-USP, 2001.
Disponível em: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000032001000300008&lng=en&nrm=abn. Acesso em: 13 mai. 2007.

HARVEY, David. *Condição Pós-Moderna*. 7. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

KUMAR, Krishan. *Da sociedade pós-industrial à pós-moderna: novas teorias sobre o mundo contemporâneo*. Rio de Janeiro : Jorge Zahar , 1997 (trad. Ruy Jungmann)

LEMERT, Charles. *Pós-modernismo não é o que você pensa*. São Paulo: Loyola, 2000.

LIMA, Marco Antunes de. *Pós-modernidade e teoria da história*. Disponível em: <http://www.klepsidra.net>. Acesso em: 20 mar. 2007.

LYON, David. *Pós-modernidade*. São Paulo: Paulus, 1994.

MARTINS, J. & Bicudo, V. *A pesquisa qualitativa em psicologia: Fundamentos e recursos básicos*. São Paulo: Moraes, 1987

PETRINI, João Carlos. *Pós-modernidade e família: um itinerário de compreensão*. São Paulo: EDUSC, 2003

Revista *Crescer*, São Paulo, n.162, maio de 2007.

Revista *Veja*, edição especial mulher. São Paulo, n.65, maio de 2006

SARDENBERG, Cecília Maria Bacellar (org). *Feminismo, ciência e tecnologia*. Salvador: UFB, 2002

SCOTT, Joan W. *O Enigma da Igualdade*. 2005. Disponível em: <http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/381/38113102.pdf>. Acesso em: 01 mai. 2007.

SHAEVITZ, Marjorie Hansen. *A síndrome da supermulher*. Rio de Janeiro: Record, 1986.

SOUZA, Angela Maria de Lima; FAGUNDES, Tereza Cristina Pereira Carvalho. *Acesso à educação e à produção de saberes – direitos da mulher*. Disponível em: http://www.sei.ba.gov.br/publicacoes/publicacoes_sei/bahia_analise/analise_dados/pdf/direitos_humanos. Acesso em: 01 mai. 2007.

STREY, Marlene Neves. *Mulher: estudos de gênero*. São Leopoldo: Unisinos, 1997.

SUPLICY, Marta. *A condição da mulher*. 5.ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

TIBA, Içami. *Disciplina, limite na medida certa*. São Paulo: Gente, 1996.

VEZIN, Annette. *Quando a mãe trabalha*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992.

ZAGURY, Tania. *Sem padecer no paraíso: Em defesa dos pais ou sobre a tirania dos filhos*. 14º ed. Rio de Janeiro: Record, 1997.

ANEXO 1**Mulheres de Atenas**

Chico Buarque / Augusto Boal (1976)

Mirem-se no exemplo daquelas mulheres de Atenas
Vivem pros seus maridos, orgulho e raça de Atenas
Quando amadas, se perfumam
Se banham com leite, se arrumam
Suas melenas
Quando fustigadas não choram
Se ajoelham, pedem, imploram
Mais duras penas
Cadenas

Mirem-se no exemplo daquelas mulheres de Atenas
Sofrem por seus maridos, poder e força de Atenas
Quando eles embarcam, soldados
Elas tecem longos bordados
Mil quarentenas
E quando eles voltam sedentos
Querem arrancar violentos
Carícias plenas
Obscenas

Mirem-se no exemplo daquelas mulheres de Atenas
Despem-se pros maridos, bravos guerreiros de Atenas
Quando eles se entopem de vinho
Costumam buscar o carinho
De outras falenas
Mas no fim da noite, aos pedaços
Quase sempre voltam pros braços
De suas pequenas
Helenas

Mirem-se no exemplo daquelas mulheres de Atenas
Geram pros seus maridos os novos filhos de Atenas
Elas não têm gosto ou vontade
Nem defeito nem qualidade
Têm medo apenas
Não têm sonhos, só têm presságios
O seu homem, mares, naufrágios
Lindas serenas
Morenas

Mirem-se no exemplo daquelas mulheres de Atenas
Temem pro seus maridos, heróis e amantes de Atenas
As jovens viúvas marcadas
E as gestantes abandonadas
Não fazem cenas
Vestem-se de negro se encolhem
Se confortam e se recolhem
Às suas novenas
Serenas

Mirem-se no exemplo daquelas mulheres de Atenas
Secam por seus maridos, orgulho e raça de Atenas.

ANEXO 2**MUDANÇAS***(Vanuza)*

Hoje eu vou mudar
vasculhar minhas gavetas
jogar fora sentimentos e
ressentimentos tolos
fazer limpeza no armário
retirar traças e teias
e angustias da minha mente
parar de sofrer
por coisas tão pequeninas
deixar de ser menina...
pra ser mulher

Hoje eu vou mudar
por na balança a coragem
me entregar no que acredito
pra ser o que sou sem medo
dançar e cantar por habito
e não ter cantos escuros
pra guardar os meus segredos
parar de dizer
"não tenho tempo pra vida"
que grita dentro de mim...
me libertar

Hoje eu vou mudar
sair de dentro de mim
não usar somente o coração
parar de contar os fracassos
soltar os laços
e prender as amarras da razão

voar livre
com todos os meus defeitos
pra que eu possa libertar os meus direitos
e não cobrar dessa vida
nem rumos e nem decisões

Hoje eu preciso e vou mudar
dividir no tempo e
somar no vento
todas as coisas que um dia sonhei conquistar
porque sou mulher como qualquer uma
com dúvidas e soluções
com erros e acertos
amores e desamores
suave como a gaivota
e ferina como a leoa
tranquila e pacificadora
mas ao mesmo tempo
irreverente e revolucionária
feliz e infeliz
realista e sonhadora
submissa por condição
mas independente por opinião
porque sou mulher
com todas as incoerências
que fazem de nós...
o forte sexo fraco.

APÊNDICE 1

Carta de Apresentação e Termo de Consentimento

Eu, Fernanda Sutoff Quednau. R.A. 2043478/0, regularmente matriculada no Centro Universitário de Brasília – UniCEUB e cursando o último semestre de Psicologia, tenho como objetivo realizar uma entrevista para entender sobre os conflitos entre a maternidade e o trabalho na mulher pós-moderna, com a finalidade de obter dados para minha monografia (trabalho de conclusão do curso).

Esclareço que:

- A sua participação é voluntária, e a qualquer momento você poderá desistir da entrevista, sem prejuízo algum para a pesquisa;
- A entrevista será interrompida imediatamente se você sentir algum desconforto com a situação ou não quiser continuar;
- A entrevista será gravada e as informações fornecidas serão sigilosas e utilizadas somente para o propósito de pesquisa. Os resultados serão processados como um todo, e não haverá identificação das participantes;
- Não há respostas certas ou erradas, boas ou más. Fique livre para responder o que quiser.

Agradeço antecipadamente a atenção que for dispensada a mim.

Atenciosamente,
Fernanda

Estou ciente das condições da pesquisa descritas nesta carta de apresentação e concordo em participar como entrevistada.

ASSINATURA

APÊNDICE 2

Roteiro de Entrevista

Nome (iniciais):

Idade:

Estado Civil:

Formação:

Profissão:

Filhos (Qtd e idade):

Quem mora com você:

Questões:

- Qual o seu trabalho atual e sua formação?
- Desde quando você está na empresa?
- Fale-me um pouco, sobre seu histórico profissional.
- Qual a importância do trabalho em sua vida?
- Você trabalhava antes de ter seu primeiro filho?
- Comente sobre a sua gestação.
- Fale sobre a maternidade na sua vida.
- Você parou de trabalhar quanto tempo antes de ganhar o bebê?
- Você optou por não trabalhar para cuidar dos filhos? Caso positivo, como foi tomar esta decisão? Foi muito difícil?
- E a volta ao trabalho, como foi?
- A sociedade atual cobra que a mulher exerça o papel de mãe e de profissional?
- E você se cobra também ao exercer estes papéis?
- Como você concilia os dois papéis.
- Quem são as pessoas que te auxiliam a conciliar estes papéis de maternidade e trabalho?
- Como você se sente tendo que ir trabalhar e deixando um filho doente em casa.
- Você já sentiu vontade de abandonar seu trabalho? Ou em algum momento, já se arrependeu por ter sido mãe?
- Quais as estratégias que você utiliza para conviver com este conflito (maternidade e trabalho).